

cinemateca

NOVEMBRO 2022



**A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS: LOUIS MALLE
- O REBELDE SOLITÁRIO | IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA
HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA
ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA | CINEMATECA JÚNIOR**

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

Em novembro vamos dar espaço a amores e a famílias improváveis. Começamos pelo tímido Harold Meadows a braços com uma gaguez paralisante e um coração que pulsa pela jovem Mary. Trata-se de GIRL SHY de Fred Newmeyer e Sam Taylor, uma comédia da era do mudo, com Harold Lloyd, uma das estrelas maiores da comédia da década de vinte do século passado. O nosso herói vai lutar contra a timidez e pelo seu amor ao som do piano, ora romântico, ora frenético, da Joana Rolo. Segue-se o mais famoso coelho dos anos oitenta e a sua trepidante mulher. Falamos, claro, de Roger e Jessica Rabbit no famosíssimo filme de Robert Zemeckis WHO FRAMED ROGER RABBIT?. Ao contrário do que muitos pensam, não foi o primeiro filme a combinar imagem real e animação, mas foi aquele que colocou esta técnica em novos patamares de excelência. Depois deste casal exótico, passamos para a família animada mais famosa da televisão, criada por Matt Groening. Adivinham? Certo! São os Simpsons, agora em formato grande ecrã, em THE SIMPSONS MOVIE. A bizarra família de Springfield vai adotar um porco e criar o caos na cidade. Terminamos o mês com uma proposta irrecusável de cinema português, JOHN FROM de João Nicolau, com sabor a verão e a primeiros amores regados a fantasia delirante. Quando uma rapariga de 15 anos, no torpor das longas férias de verão, se apaixona por um vizinho mais velho, fotógrafo, as cores e tradições da Melanésia invadem o seu bairro de Telheiras. A propósito de Melanésia e ambientes visuais exóticos, também vamos criar uma paleta de cores tropical com rolos de papel higiénico, contas e papéis coloridos na oficina O CALEIDOSCÓPIO: ESPREITAR POR UM LABIRINTO DE ESPELHOS.



JOHN FROM

► Sábado [05] 15h00 | Salão Foz

GIRL SHY

de Fred Newmeyer, Sam Taylor
com Harold Lloyd, Jobyna Ralston, Richard Daniels
Estados Unidos, 1924 – 87 min / legendado em português | M/6

SESSÃO ACOMPANHADA AO PIANO POR JOANA ROLO

Harold Meadows é um solteirão tímido e gago que trabalha num alfaiate, e se dedica a escrever um guia de sedução para outros jovens tímidos. O destino põe-no no caminho de Mary, uma jovem rica, por quem se apaixona. Mas ela está prestes a dar o nó com um homem já casado e Harold fará de tudo para impedir o casamento.

► Sábado [12] 15h00 | Salão Foz

WHO FRAMED ROGER RABBIT?

Quem Tramou Roger Rabbit?
de Robert Zemeckis
com Bob Hoskins, Christopher Lloyd,
Joanna Cassidy, Stubby Kaye
Estados Unidos, 1988 – 103 min / legendado em português | M/6

Uma homenagem à época de ouro do cinema de animação da Disney e da Warner. O filme decorre em 1948 e conta a história da tentativa de destruição de Toontown por um sinistro juiz-censor, enquanto um detetive procura descobrir quem matou o dono da cidade e fez desaparecer o testamento que a destinava às personagens dos desenhos animados. Uma maravilha de animação e fantasia.

► Sábado [19] 15h00 | Salão Foz

THE SIMPSONS MOVIE

Os Simpsons: O Filme
de David Silverman
Estados Unidos, 2007 – 87 min / dobrado em português | M/6

A mais famosa família da televisão chega ao cinema e Homer enche o grande ecrã com as trapalhadas a que nos habituou. Desta vez, adota um porco que se revela um agente de poluição letal. Quando Homer despeja um silo de desperdício no lago de Springfield, cai sobre a cidade a ameaça de destruição total. Conseguirá Homer salvar a sua cidade?

► Sábado [26] 15h00 | Salão Foz

JOHN FROM

de João Nicolau
com Júlia Palha, Clara Riedenstein, Filipe Vargas
Portugal, 2015 – 95 min | M/12

Rita tem 15 anos e as férias de verão deixam-lhe muito tempo para o tédio e para paixões fantásticas. Quando um vizinho fotógrafo expõe o seu trabalho sobre a Melanésia no centro cultural do bairro, abre-se um novo mundo para Rita. Um mundo tropical que lhe invade o coração, a cabeça e todo o seu bairro.

► Sábado [26] 11h00 | Salão Foz

OFICINA

O CALEIDOSCÓPIO: ESPREITAR POR UM LABIRINTO DE ESPELHOS

Conceção e orientação: equipa da Cinemateca Júnior
Dos 7 aos 12 anos | Duração: 2 horas | Preço: 4€ por criança
Marcação prévia até 21 de novembro para cinemateca.junior@cinemateca.pt

O Caleidoscópio foi inventado há dois séculos e originou um brinquedo que nunca deixou de nos fascinar, tal como outros inventos e brinquedos óticos da época que podemos ver em exposição na Cinemateca Júnior. Os complicadíssimos e espetaculares padrões coloridos, sempre a mudar, são conseguidos por um processo simples que recorre a espelhos. Vamos descobrir o caleidoscópio e como podemos fazer um com materiais fáceis de encontrar.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA	2
LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO	3
IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA	7
HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM	8
JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA	8
A CINEMATECA COM O	
OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN'S FILM FESTIVAL	9
ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA	10
A CINEMATECA COM O INSHADOW	11
DOUBLE BILL	11
ANTE-ESTREIAS	12
A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO	
PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UMA PAISAGEM, DE JOÃO NISA	12
A CINEMATECA COM O CINENOVA	13
INADJECTIVÁVEL	13
FILMAR	13
O QUE QUERO VER	13
COM A LINHA DE SOMBRA	14
PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA	14
CINEMA, CEM ANOS DE JUVENTUDE	14
A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO RESISTÊNCIA VISUAL GENERALIZADA	14
CALENDÁRIO	15

► **CAPA LES AMANTS** [França, 1958]
de Louis Malle

AGRADECIMENTOS

António Ferreira, João Mário Grilo, João Nisa, Luís Alvarães, Miguel Gonçalves Mendes, Rui Simões, Larry Gottheim, Tacita Dean, Angelika Ramlow (Arsenal – Berlin); André Schäublin (Cinémathèque Suisse); Matthieu Grimault (Cinémathèque Française); Nathanâel Arnould (INA); Jon Wengström, Kajsa Hedström (Swedish Film Institute); Hugo Aragão Correia, Hilário Lopes (RTP), Daniel Ribas, Escola das Artes – Universidade Católica, Ricardo Vieira Lisboa, Natxo Checa, João Penalva, LUX, Eleanor Royer (Marian Goodman Gallery), Ellen Winn Wendl (eQuinoxe Europe).



CINEMATECA PORTUGUESA
MUSEU DO CINEMA, I.P.

LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS

A pesar da sua celebridade, de ter sido premiado em importantes festivais e de ter trabalhado com algumas grandes vedetas, Louis Malle (1932-1995) é até certo ponto um cineasta injustiçado. Pelo facto da sua vasta obra ser extremamente variada (“muitas vezes, faço um filme em reação ao que fizera logo antes”) e pelo facto de ser originário da alta burguesia (uma família de industriais do açúcar, que nunca financiou um só dos seus filmes), muitos julgaram e afirmaram durante anos que não tinha personalidade definida, que era um dilettante para quem o cinema era um *hobby* e que buscava temas escandalosos para chamar a atenção. No entanto, basta examinar os seus filmes para constatar que estes em nada são inferiores ao que pode haver de melhor nos de um François Truffaut ou um Claude Chabrol, para compararmos o comparável. Extremamente culto, Malle tinha interesses variados e grande curiosidade intelectual. Além de dezanove longas-metragens de ficção, realizou ao longo da sua carreira sete documentários sobre variados temas (se considerarmos os sete episódios de L'INDE FANTÔME como um único filme), em França, na Tailândia, na Índia e nos Estados Unidos. Pertencendo à mesma geração que os membros da *Nouvelle Vague*, de quem foi companheiro de viagem quando esta surgiu em 1959-60, Malle foi um dos muitos novos nomes a terem surgido no cinema francês naquele período de grandes mudanças e troca de guarda. Mas contrariamente aos membros do grupo da *Nouvelle Vague*, que reivindicavam um certo “amadorismo” na maneira de filmar e produzir, Malle diplomou-se pelo IDHEC (Instituto de Altos Estudos Cinematográficos, ancestral da atual FEMIS), cujo ensino detestou. Como os seus companheiros de geração, era profundamente cinéfilo, com especial devoção por Robert Bresson e Jean Renoir, mas contrariamente aos demais nunca exerceu o ofício de crítico e tinha uma sólida formação técnica. A sua primeira experiência no cinema foi como assistente do Comandante Jacques-Yves Cousteau para um filme sobre a fauna e a flora marinhas do Mediterrâneo, que foi o seu trabalho de diploma no IDHEC. Cousteau e Malle entenderam-se bem e o Comandante convidou-o para uma nova colaboração num filme industrial sobre a extração do petróleo nas águas do Golfo Pérsico e em duas curtas-metragens sobre a vida marinha no Oceano Índico. A seguir convidou-o para ser correalizador da longa-metragem LE MONDE DU SILENCE, que obteria a Palma de Ouro no Festival de Cannes em 1956, filme sobre o qual Malle sempre foi bastante crítico: “eu não iria ao ponto de dizer que foi ensaiado, mas trata-se essencialmente de um documentário reconstituído”.

Depois desta estreia pouco convencional na realização, Malle trabalhou de modo ininterrupto durante cerca de quarenta anos, em quatro grandes etapas. Na primeira, que vai de 1957 a 1967, destacam-se ASCENSEUR POUR L'ÉCHAFAUD/FIM-DE-SEMANA NO ASCENSOR, *filme negro* à francesa, com técnicas inovadoras para a rodagem noturna nas ruas de Paris e música de Miles Davis, que improvisou diante de um ecrã em que o filme era projetado; LES AMANTS, em que usou mais uma vez a música (neste caso, Brahms) como elemento propulsor das cenas centrais; ZAZIE DANS LE MÉTRO, anárquica comédia, que adapta o romance epónimo de Raymond Queneau; as suas duas obras-primas deste período, FEU-FOLLET/“O FOGO FÁTUO” e LE VOLEUR/O LADRÃO DE PARIS, o primeiro um périplo a preto e branco em Paris por um homem que se vai suicidar, o segundo um vibrante filme de época, a cores. A segunda etapa da carreira de Malle consiste na extraordinária série de documentários que fez na Índia em 1968 (a longa-metragem CALCUTTA e sete episódios de cerca de uma hora, agrupados sob o título L'INDE FANTÔME), com uma equipa limitada a ele, um operador de câmara e um técnico de som. Consciente de que ele e os seus colaboradores eram “intrusos”, Malle mostra sem pretender demonstrar: “em vez de perder tempo a tentar perceber, decidi que iríamos deambular pela Índia e deixar que as coisas acontecessem, sem plano de trabalho, sem guião, sem material de iluminação, sem nenhuma espécie de compromisso no que refere a distribuição”. A terceira etapa do seu percurso, que vai de 1971 a 1975, consiste em duas longas-metragens de ficção, que formam um díptico do ponto de vista formal, LE SOUFFLE AU COEUR/SOPRO NO CORAÇÃO (que causou um ligeiro escândalo, devido ao tema do incesto) e LACOMBE LUCIEN/LACOMBE LUCIEN, O COLABORACIONISTA, que causou grande polémica devido ao ainda explosivo tema da “colaboração” de muitos franceses com as forças e ocupação nazis durante a Segunda Guerra Mundial; dois documentários, feitos sobre o mesmo princípio de mostrar sem querer demonstrar que adotara na Índia: HUMAIN TROP HUMAIN, sobre o trabalho numa fábrica de automóveis, e PLACE DE LA RÉPUBLIQUE, sobre um logradouro parisiense; e pelo filme mais atípico do seu percurso atípico, BLACK MOON. Desejoso de não se tornar “um cineasta francês provinciano”, Malle mudou-se em 1976 para os Estados Unidos, onde realizou boa parte dos filmes da quarta e última etapa do seu percurso. Como na sua primeira etapa francesa, Malle alternou no seu período americano ficções extremamente diferentes (PRETTY BABY/MENINA BONITA e MY DINNER WITH ANDRÉ) e esplêndidos documentários, GOD'S COUNTRY e ...AND THE PURSUIT OF HAPPINESS. Uma derradeira incursão profissional ao seu país natal resultou no seu maior êxito de bilheteira, AU REVOIR, LES ENFANTS/ADEUS, RAPAZES e num dos seus filmes mais livres, MILOU EN MAI/OS MALUCOS DE MAIO. Depois de DAMAGE/RELAÇÕES PROIBIDAS, realizado em Londres, Malle fechou a sua carreira em Nova Iorque, com um filme de teor quase experimental, VANYA ON 42ND STREET, em que capta, num teatro em ruínas, uma leitura/encenação de *Tio Vânia*, de Tchekov.

No estudo mais vasto e completo a ter sido publicado à data de hoje sobre o seu trabalho, o crítico Pierre Billard definiu Malle como um rebelde solitário. Num texto de 1948, Henri Langlois observara que “o cinema são os filmes. Para escrever a sua História é preciso tê-los visto”. E ver ou rever os filmes de Louis Malle é constatar não apenas a sua grande variedade, mas aquilo que os une: a sua alta qualidade.

Infelizmente, não poderemos apresentar ASCENSEUR POUR L'ÉCHAFAUD/FIM-DE-SEMANA NO ASCENSOR (1957) o filme de estreia de Louis Malle e uma das suas obras mais importantes (por sinal, o título do realizador mais vezes exibido pela Cinemateca), por vontade expressa da Leopardo Filmes, atual detentora dos direitos de exibição deste filme em Portugal.

Será publicado um pequeno volume sobre Louis Malle, primeiro de uma nova série de publicações da Cinemateca, destinado a acompanhar alguns grandes ciclos de autor.



► Quarta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [04] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE FEU FOLLET

“O Fogo Fátuo”

de Louis Malle

com Maurice Ronet, Jeanne Moreau, Ursula Kubler

França, 1963 - 110 min / legendado eletronicamente em português | M/16

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

LE FEU FOLLET é unanimemente considerado como um dos pontos culminantes da obra de Louis Malle. Em adolescente, Malle fora marcado pela frase de abertura de *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus: “O único problema filosófico realmente sério é o suicídio”. Filmado com grande elegância em cenários naturais, inclusive os interiores, num magnífico preto e branco, o filme narra o périplo de um homem desencantado, que percorre diversos bairros de Paris numa visita de despedida à cidade e aos seus amigos, que desconhecem a sua intenção. Magnífico desempenho de Maurice Ronet. “Este foi talvez o meu primeiro filme em que realmente controlei tudo. Em termos de estilo, foi com LE FEU FOLLET que realmente descobri o que me parecia acertado, a melhor maneira de expressar o que tinha em mente”. O filme não teve distribuição em Portugal à época e, muito mais tarde, seria apresentado na televisão com o título CHAMA FATAL. A apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Terça-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES AMANTS

Os Amantes

de Louis Malle

com Jeanne Moreau, Jean-Marc Bory, Alain Cuny

França, 1958 - 88 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Nas palavras de Malle, a ação de LES AMANTS resume-se “à história de uma noite de amor”. Situado nos meios da alta burguesia, o filme tem como ponto central a descoberta do êxtase afetivo e erótico por uma mulher (Jeanne Moreau, que tem aqui um dos seus mais belos desempenhos num papel escrito sob medida para ela) que vive um casamento convencional e indiferente e tem uma aventura noturna com um homem que ela e o marido hospedam na sua elegante casa de campo, que resulta numa “noite maravilhosa”, que a fará deixar o marido “sem nenhum remorso”. Assim como utilizara a música de Miles Davis para acompanhar a deambulação noturna de Jeanne Moreau pelas ruas de Paris em ASCENSEUR POUR L'ÉCHAFAUD, Malle utiliza com extrema habilidade um sexteto de cordas de Brahms para transmitir a idílica fusão afetiva e erótica do par de LES AMANTS. O filme causou algum escândalo à época pelo facto de representar, com elegância, o prazer feminino. Do ponto de vista estilístico, caracteriza-se pela presença de longos planos-sequência e o uso da imagem panorâmica.

► Quinta-feira [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ZAZIE DANS LE MÉTRO

de Louis Malle

com Catherine Demongeot, Philippe Noiret, Vittorio Caprioli

França, 1960 – 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

A passagem de LES AMANTS para ZAZIE DANS LE MÉTRO marca uma das guinadas estilísticas mais nítidas no percurso de Malle. Depois de um elegante filme a preto e branco, realiza uma alegre e anárquica comédia a cores, baseada no então recente romance epónimo de Raymond Queneau sobre uma garota de província que vem passar trinta e seis horas em Paris e está ansiosa por conhecer o metro, que infelizmente está em greve. Queneau joga e brinca alegremente com a língua francesa e Malle julgou que “o desafio de adaptar o livro permitir-me-ia explorar a linguagem cinematográfica”. O que há de brilhante no livro é o inventário das mais diversas formas literárias e, claro, também há muitos «pastiches». Pareceu-me que seria interessante fazer o mesmo com a linguagem cinematográfica”. O filme reata com o cinema burlesco do período mudo, numa sucessão de peripécias levadas rapidamente ao absurdo, num autêntico fogo de artifício. A apresentar em cópia digital.

► Sexta-feira [04] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [10] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIE PRIVÉE

de Louis Malle

com Brigitte Bardot, Marcello Mastroianni, Nicolas Bataille

França, 1961 – 103 min / legendado eletronicamente em português | M/16

VIE PRIVÉE foi um filme de encomenda e ilustra a impossibilidade de uma vedeta de cinema ter um mínimo de privacidade. O argumento foi escrito sob medida para Brigitte Bardot, então no auge da glória, não apenas como estrela de cinema, mas também como símbolo da libertação sexual da mulher, o que fazia dela um objeto do assédio permanente dos jornais de escândalo e dos *paparazzi* e também de pouca estima de algumas mulheres que a consideravam “imoral”. Malle tentou “recriar o estranho fenómeno social em que Bardot se transformara”: não se trata de uma obra sobre o mundo do cinema mas sobre uma vedeta imolada no altar da fama. Tudo começa como um moderno conto de fadas em Genebra, que continua em Paris e chega ao fim em Spoleto quando a mulher, que entretanto se afastara do cinema devido à pressão mediática, volta a ser vítima da sua celebridade.

► Sábado [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIVA MARIA!

Viva Maria

de Louis Malle

com Jeanne Moreau, Brigitte Bardot, Georges Hamilton, Claudio Brook

França, 1965 – 115 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Depois da gravidade de LE FEU FOLLET, Malle sentiu a necessidade de fazer “um grande espetáculo, em CinemaScope e a cores” e o resultado foi VIVA MARIA! Para este filme, inteiramente rodado no México, Malle reuniu as duas mais célebres vedetas femininas do cinema francês de então, Jeanne Moreau e Brigitte Bardot, que em tudo diferem: aspeto físico, porte, capacidades de atriz. A ideia foi fazer um pastiche dos “filmes de compinchas” de Hollywood (o modelo foi VERA CRUZ, de Robert Aldrich), porém com protagonistas femininas, ambas chamadas Maria. Num ambiente próximo do *western* e dos filmes situados durante a revolução mexicana, o filme de Malle é um divertimento, com alguns *gags* próximos da banda desenhada. As duas amigas atravessam incómunas as situações mais perigosas, em meio a eternos combates armados, sem nunca perderem a boa disposição. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

VIVE LE TOUR!

França, 1962 – 18 min

BONS BAISERS DE BANGKOK

França, 1964 – 30 min

WILLIAM WILSON

de Louis Malle

com Alain Delon, Brigitte Bardot

França, 1967 – 40 min

duração total da projeção: 88 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Este programa começa com um magnífico documentário sobre a Volta à França, que foi filmado em ordem cronológica, num total de dezassete horas de *rushes*, que resultaram num filme de quarenta e cinco minutos, reduzidos depois para dezoito e Malle consegue transmitir ao espectador uma sintética visão de conjunto. Longe de embelezar o que vira, Malle, que ficara “impressionado com o confronto e a violência” do *Tour de France*, quis mostrar “os acidentes, as quedas, o esforço nas ascensões”, antes da chegada dos vencedores a Paris, mostrada sem nenhuma ênfase. Segue-se uma reportagem feita para a televisão francesa sobre Banguecoque, em que Malle satiriza hábil e discretamente a pretensão destas reportagens de querer tudo explicar sobre um país longínquo em apenas vinte ou trinta minutos. A fechar a sessão, WILLIAM WILSON, um dos três episódios, baseados em contos de Edgar Allan Poe, de HISTÓRIAS EXTRAORDINÁRIAS (os outros dois foram realizados por Federico Fellini e Roger Vadim). Malle escolheu *William Wilson*, história de um homem que encontra alguém que parece ser o seu duplo.VIVE LE TOUR! e BONS BAISERS DE BANGKOK são primeiras apresentações na Cinemateca.

► Segunda-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE VOLEUR

O Ladrão de Paris

de Louis Malle

com Jean-Paul Belmondo, Julien Guiomar, Geneviève Bujold, Marie Dubois

França, 1967 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Estranhamente esquecido, LE VOLEUR é um dos melhores momentos de toda a obra de Louis Malle, que obteve um magnífico desempenho de Jean-Paul Belmondo, muitos anos antes deste se estereotipar em mediócrs “filmes de ação”. A ação tem lugar em fins do século XIX, com excelentes “valores de produção” (cenários, fatos e adereços) e o protagonista é um homem da alta burguesia que, depois de ter sido despojado da sua herança pelo tio que era seu tutor, torna-se assaltante profissional, sem deixar de ser um *dandy*, para gozar da riqueza e contestar, à sua maneira, a ordem social. O seu mestre na senda do crime é um padre, que lhe ensina as técnicas de assalto “como quem ensina o catecismo”. A narrativa é um constante corrupio e Malle declarou que este foi o filme em que conseguiu com os atores o melhor desempenho de conjunto de toda a sua obra. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE SOUFFLE AU COEUR

Sopro no Coração

de Louis Malle

com Benoît Ferreux, Léa Massari, Daniel Gélin, Michael Lonsdale

França, 1971 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Um dos mais conhecidos e apreciados filmes de Louis Malle, que também gozou de um sucesso de escândalo pela forma natural como expôs no cinema um tabu: o incesto. Situado no meio da burguesia de província francesa em 1954, LE SOUFFLE AU COEUR começa quase como uma comédia de costumes, antes de mudar de tom no seu terço final. É a história de um adolescente extremamente inteligente que, ao ser-lhe diagnosticado um “sopro no coração”, é levado pela mãe para uma estância de tratamento, onde a relação extremamente próxima que têm resultará num único encontro sexual.

► Terça-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

L’INDE FANTÔME

episódios 1 (La Caméra Impossible) e 2 (Choses vues à Madras)

de Louis Malle

França, 1968 – 54 e 54 min

duração total da projeção: 108 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

Malle descobriu a Índia ao ser convidado para ali apresentar uma série de filmes franceses recentes e ficou tão impressionado com o país que permaneceu durante mais seis semanas a observar o que o cercava, porém sem filmar. Regressou dois meses depois e com uma equipa reduzida a ele, um operador de câmara e um técnico de som filmou a esmo cerca de trinta horas de material, que resultaram na longa-metragem CALCUTTA e num documentário em sete episódios, destinado à televisão mas que também teve distribuição nas salas de cinema, intitulado L’INDE FANTÔME. Longe de ser uma reportagem, trata-se de um exemplo do cinema direto, que Malle define assim: “completamente improvisado, não se tenta organizar a realidade, tenta-se apenas descobrir para onde o nosso interesse e a nossa curiosidade nos levam, tenta-se filmar aquilo que parece interessante ou surpreendente e depois tenta-se dar sentido a tudo isto na mesa de montagem”. Ciente de que ele e os seus dois colaboradores nada percebiam daquilo que viam, Malle nada quis “explicar” e ciente também que eram intrusos no país, observa no comentário do primeiro episódio, significativamente intitulado A CÂMARA IMPOSSÍVEL: “por toda a parte onde vamos, a primeira coisa que vemos são os olhos, os olhares. Vimos aqui para vê-los e são eles que nos olham. Decido filmá-los tal como são, com os seus olhos enormes virados para nós, para o olho único da câmara”. Um conceito claro de cinema e um profundo respeito pelo “outro” resultaram em quase sete horas de cinema que são um dos pontos altos do documentário dos anos 60. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Terça-feira [08] 21:30 | Sala Félix Ribeiro

► Quarta-feira [23] 21:30 | Sala Félix Ribeiro

LACOMBE LUCIEN

Lacombe Lucien, o Colaboracionista

de Louis Malle

com Pierre Blaise, Holger Löwenadler, Aurore Clément

França, 1974 – 137 min / legendado eletronicamente em português | M/12

LACOMBE LUCIEN tem muitas semelhanças formais e narrativas com LE SOUFFLE AU COEUR: uma narrativa em estilo direto e a presença de um adolescente no papel principal. Situado no sudoeste de França durante a Segunda Guerra Mundial, o filme mostra a maneira como um jovem camponês se torna colaborador das forças de ocupação nazis e dos colaboracionistas franceses. O rapaz acaba por se apaixonar por uma jovem judia refugiada na região. Segundo Malle, um dos pontos de partida do filme foi a sua vontade de explorar os mecanismos da *banalidade do mal*, segundo a célebre fórmula de Hannah Arendt: o que leva um indivíduo qualquer a tornar-se cúmplice de uma gigantesca máquina criminoso como foi o nazismo. O filme causou violentas polémicas em França e *L’Humanité*, o jornal oficial do Partido Comunista, afirmou que nunca um filho das classes trabalhadoras poderia colaborar com as forças de ocupação.

► Quarta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

L’INDE FANTÔME

episódios 3 (La Religion) e 4 (La Tentation du Rêve)

França, 1968 – 54 e 54 min

duração total da projeção: 108 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

► Quarta-feira [09] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quinta-feira [24] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BLACK MOON

de Louis Malle

com Cathryn Harrison, Thérèse Giehse, Alexandra Stewart, Joe Dalessandro

França, 1975 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

BLACK MOON é um objeto totalmente isolado na obra de Malle. Quase desprovido de diálogos, trata-se de um moderno conto de fadas, com reminiscências de *Alice no País das Maravilhas*, em que para fugir da guerra que se declarara entre homens e mulheres uma jovem refugia-se numa casa isolada. Ali terá alguns insólitos encontros com pessoas e animais, entre os quais um unicórnio. Ao escrever o argumento Malle tentou “trabalhar a partir de sonhos e livres associações”, tentando aplicar a técnica da “escrita automática” dos surrealistas à rodagem e o resultado foi “um filme feito de uma série de momentos visuais”. Magnífica



ATLANTIC CITY

fotografia de Sven Nykvist, colaborador habitual de Ingmar Bergman, a quem Malle pediu uma luz fria. Toda a banda sonora foi feita em estúdio, para evitar sons realistas.

► Quinta-feira [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

L'INDE FANTÔME

episódios 5 (Regard sur les Castes) e 6 (Les Étrangers en Inde)

França, 1968 - 54 e 54 min

duração total da projeção: 108 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

► Sexta-feira [11] 19h30 | Sala Luís de Pina

L'INDE FANTÔME

episódio 7 (Bombay)

CALCUTTA

Calcutá

França, 1968 - 54 e 105 minutos

duração total da projeção: 159 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

No início do seu périplo pela Índia, Malle e os seus dois colaboradores permaneceram durante três semanas em Calcutá, filmando a vasta metrópole com os mesmos princípios expostos acima na nota sobre L'INDE FANTÔME. Ao começar a desbravar as trinta horas que filmara (e cujo resultado só conheceu ao fim da rodagem), Suzanne Baron, a sua montadora, sugeriu que comesçassem por extrair um filme do material filmado na metrópole do Bengala. O resultado foi uma longa-metragem, o único filme que Malle trouxe da Índia a ter um teor genérico, ao passo que os episódios que formam L'INDE FANTÔME abordam motivos específicos. As imagens e a narração de CALCUTTA não pretendem explicar uma cidade e uma realidade que o realizador tem consciência de não perceber, limitam-se a dar exemplos, pontos de referência, nos antípodas da busca do insólito ou da arrogante vontade de “tudo explicar pelo colonialismo e a religião”.

► Sexta-feira [11] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [25] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PRETTY BABY

Menina Bonita

de Louis Malle

com Brooke Shields, Keith Carradine, Susan Sarandon

Estados Unidos, 1978 - 110 min

legendado eletronicamente em português | M/16

PRETTY BABY é o filme que inaugura o período americano da carreira de Malle e tem como protagonista Brooke Shields, então com apenas doze anos. A ação é situada em 1917 num bordel na Nova Orleães, onde a protagonista vive com a sua mãe que ali exerce a mais antiga profissão do mundo, à qual ela própria será iniciada. Malle organizou o filme à volta de três eixos: o bordel; a presença do jazz, que nasceu na Nova Orleães na passagem do século XIX para o século XX; a presença de um fotógrafo, inspirado na figura real de um profissional que fotografara as prostitutas da cidade e se apaixonou pela garota. Isto dá uma dimensão suplementar ao filme, que vai além da mera descrição daquele meio: a sobreposição e a troca de olhares, o de um fotógrafo

que capta o de uma garota que, por sua vez, olha para o espectador. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [12] 19h30 | Sala Luís de Pina

HUMAIN, TROP HUMAIN

de Louis Malle

França, 1972 - 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

HUMAIN TROP HUMAIN é um dos dois documentários realizados por Malle em França no início dos anos 1970 (o outro é PLACE DE LA RÉPUBLIQUE). Malle mostra o trabalho numa fábrica de automóveis e, fiel aos seus métodos, limita-se a mostrar sem querer demonstrar: o filme é desprovido de entrevistas, comentário em *off* e diálogos entre os operários e operárias. Malle optou por planos longos, para que o espectador possa captar o aspeto repetitivo, mecânico, daquele trabalho e dividiu o filme em três partes: as máquinas e o fabrico de um automóvel; o Salão do Automóvel, para onde vão os carros; as pessoas, operários e operárias que os fabricam. Um filme feito em surdina, sem o alarido e as certezas do cinema militante, que mostra com clareza a condição operária numa fábrica específica de um país específico.

► Sábado [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ATLANTIC CITY

Atlantic City, U.S.A.

de Louis Malle

com Burt Lancaster, Susan Sarandon, Michel Piccoli

Estados Unidos, 1980 - 105 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Neste seu segundo filme americano, Malle, fiel a si mesmo, muda totalmente de registo em relação a PRETTY BABY. Depois de realizar em estúdio um filme “de época”, realizou um filme situado no presente, filmado *in loco*, numa cidade então em plena transformação, devido à legalização do jogo, que desencadeou um frenesim de demolições e construções de hotéis e casinos, com todas as negociatas e violências que isto implica. Neste mundo caótico em que reina a ganância e em que todos roubam o próximo sem remorsos, sobressaem dois personagens: uma jovem aspirante a *croupière* (Susan Sarandon) e um velho jogador que ali vive (fabulosa interpretação de Burt Lancaster), sustentado por uma mulher velha e refilona. Depois de um breve romance entre os dois, há um nada sentimental desenlace feliz. Um filme a redescobrir. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Segunda-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

PLACE DE LA RÉPUBLIQUE

de Louis Malle

França, 1972 - 92 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Realizado no mesmo impulso cinematográfico que HUMAIN, TROP HUMAIN, este documentário sobre um conhecido logradouro parisiense em tudo difere daquele filme, o que era inevitável pois aquilo que se passa numa fábrica é predeterminado, ao passo que o que se passa num espaço público é, por definição, imprevisível. O gesto

cinematográfico de Malle nestes noventa e dois minutos sobre uma praça parisiense é semelhante ao que tivera na Índia - pousar a câmara e observar, sem “guião” preestabelecido, descobrir coisas ao acaso - com a diferença fundamental de que na Índia ele confrontava-se a um mundo do qual tinha consciência que nada percebia, ao passo que em Paris tinha perfeita consciência cultural daquilo que via. Contrariamente a HUMAIN, TROP HUMAIN, há muitos monólogos e diálogos em PLACE DE LA RÉPUBLIQUE, que também é um filme de “personagens”, que ali trabalham ou transitam diariamente por aquele espaço. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [17] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ALAMO BAY

A Baía do Ódio

de Louis Malle

com Amy Madigan, Ed Harris, Ho Nguyen

Estados Unidos, 1985 - 99 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado em factos reais recentes, ALAMO BAY mostra o conflito entre pescadores texanos brancos e um grupo de vietnamitas, competentes e organizados, que começa a fazer-lhes concorrência. Malle interessou-se por uma situação em que “devido a acontecimentos históricos as pessoas são levadas a comportamentos que normalmente não teriam, que são criados pelas circunstâncias. Subitamente as pessoas mudam, descobrem quem são e às vezes revelam o seu lado pior”. Malle filmou este filme de ficção como se fosse um documentário e misturou atores profissionais e amadores, utilizando para os papéis secundários pescadores da região, autênticos *rednecks* que “representaram algumas cenas com uma intensidade um pouco estranha”. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [18] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MY DINNER WITH ANDRÉ

de Louis Malle

com Wallace Shawn, André Gregory

Estados Unidos, 1981 - 111 min / legendado eletronicamente em português | M/12

MY DINNER WITH ANDRÉ marca uma rutura radical de Malle com os filmes que realizara até então nos Estados Unidos, todos com uma narrativa estruturada em três partes, que se estende no tempo. Trata-se de uma autêntica aposta cinematográfica: dois amigos que não se veem há algum tempo, encontram-se num restaurante e todo o filme consiste num longo diálogo entre os dois, à mesa. Rodado em 16 mm, como um documentário, o filme foi um desafio lançado a Malle pelo dramaturgo André Gregory e pelo ator Wallace Shawn, que observou que “Malle conseguiu hipnotizar os espectadores e levá-los com ele ao longo de todo o filme devido à maneira como usou o ritmo cinematográfico e também pelos seus sentimentos calorosos em relação às duas personagens”. À época, MY DINNER WITH ANDRÉ tornou-se um autêntico filme de culto nos Estados Unidos. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

► Sexta-feira [18] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CRACKERS

de Louis Malle

com Donald Sutherland, Sean Penn, Wallace Shawn, Christine Baranski

Estados Unidos, 1983 - 92 min

legendado eletronicamente em português | M/12

CRACKERS foi uma encomenda feita por um produtor americano a Malle. Trata-se de um *remake* de um clássico da comédia italiana, I SOLITI IGNOTI/GANGTERS FALHADOS (1958), de Mario Monicelli, em que um bando de bandidos incompetentes tenta assaltar uma casa de penhores e fracassa. Este foi o único dos filmes realizados nos Estados Unidos por Louis Malle em que este se viu às voltas com violentas pressões da produção (o comanditário do projeto foi demitido e substituído) e da equipa técnica, no que veio a ser um clássico episódio de um autor europeu às voltas com a brutalidade da máquina industrial americana. Primeira exibição na Cinemateca. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
LE MONDE DU SILENCE

O Mundo do Silêncio

de Jacques-Yves Cousteau, Louis Malle

França, 1956 - 86 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de colaborar com o Comandante Jacques-Yves Cousteau num filme industrial e em três curtas-metragens sobre a vida marinha, Malle foi convidado para ser correalizador daquela que viria a ser a primeira longa-metragem do célebre oceanógrafo, LE MONDE DU SILENCE, que teve enorme êxito. Este filme marca, no entanto, uma viragem definitiva no trabalho de Cousteau: até então, ele filmava reportagens destinadas a documentar as suas incursões submarinas. Doravante, em vez de mergulhar e filmar, Cousteau mergulhará para filmar, passando “da pesquisa ao espetáculo”, como observou Pierre Billard. Malle teve consciência disso ainda na etapa da rodagem e da montagem e nos documentários que faria adotou uma atitude inteiramente oposta. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
AU REVOIR, LES ENFANTS

Adeus, Rapazes

de Louis Malle

com Gaspard Manesse, François Fétjô,
Philippe Morrier-Genoud

França, 1987 - 103 min / legendado em português | M/12

De regresso ao cinema francês, ao cabo de quase dez anos nos Estados Unidos, Louis Malle obteve com AU REVOIR, LES ENFANTS o maior êxito comercial da sua carreira. O filme retrata um terrível episódio vivido por ele aos onze anos de idade, em fevereiro de 1944, quando a presença de três rapazes judeus acolhidos num internato católico é denunciada e eles e o padre que dirigia a instituição são deportados para os campos da morte. Malle conseguiu excelentes desempenhos dos dois jovens atores principais (um dos quais é o *alter ego* dele em jovem e o outro um dos alunos judeus) e a trama narrativa avança por pequenas etapas, fazendo com que o espectador descubra os factos ao mesmo tempo que o protagonista.

► Terça-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Segunda-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina
GOD’S COUNTRY

de Louis Malle

Estados Unidos, 1985 - 99 min

legendado eletronicamente em português | M/12

GOD’S COUNTRY é um documentário feito no Minnesota, no qual Malle soube utilizar a seu favor as dificuldades da produção. A rodagem começou em 1979, numa pequena localidade de cinco mil habitantes, onde não havia nenhum cinema, mas existiam nove igrejas (duas católicas e sete protestantes). Malle realizou uma primeira montagem, mas a produção foi interrompida por razões

orçamentais, sendo, no entanto, retomada seis anos depois. Malle decidiu filmar novo material, para constatar o que havia ou não mudado naquele ínterim. Fiel aos seus métodos, trabalhou com uma equipa reduzida e deu forma ao filme a partir das pessoas que encontrou, ao invés de usá-las como exemplos de uma análise predeterminada, conseguindo assim dar uma visão geral do vilarejo e uma visão específica de alguns dos seus habitantes. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [24] 19h30 | Sala Luís de Pina
► Terça-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina
...AND THE PURSUIT OF HAPPINESS

de Louis Malle

Estados Unidos, 1986 - 80 min

legendado eletronicamente em português | M/12

O título deste documentário cita uma das mais célebres frases da Declaração de Independência dos Estados Unidos, que menciona “a busca da felicidade” como um dos direitos inalienáveis do homem. Realizado por ocasião do centenário da Estátua da Liberdade, o filme aborda as novas migrações para os Estados Unidos, que não são formadas por populações europeias como no início do século XX, mas sobretudo por asiáticos, latino-americanos e africanos. Consciente da sua própria condição de “imigrante de luxo” e de que os Estados Unidos “não são um *melting pot* e sim uma Torre de Babel”, pois as diversas comunidades coabitam sem se misturarem, Malle filma pessoas de origens diversas, algumas com a situação profissional estabilizada, outras que vão recomeçar do nada. Contrariamente ao que se passa em GOD’S COUNTRY, em que voltamos reiteradamente a algumas pessoas, em ...AND THE PURSUIT OF HAPPINESS vemos apenas uma vez, ainda que demoradamente, cada um destes novos americanos. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [24] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
MILOU EN MAI

Os Malucos de Maio

de Louis Malle

com Michel Piccoli, Miou-Miou, Michel Duchaussoy,
Dominique Blanc, Paulette Dubost

França, 1989 - 108 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Este filme, que veio a ser a despedida de Louis Malle ao cinema francês, é um dos mais livres e alegres da sua obra. A ação decorre numa casa de campo, onde vivem a personagem-titular (Michel Piccoli, num dos seus grandes desempenhos) e a sua mãe idosa (Paulette Dubost, imortalizada no papel da criada em A REGRA DO JOGO, de Jean Renoir). Esta morre subitamente e os demais membros da família chegam para o funeral e sobretudo para a partilha dos bens da morta. Mas estamos em Maio de 1968 e a França está em greve geral, o que torna impossível o enterro da senhora, cuja cadáver

é respeitosamente guardado na sua cama, enquanto os seus filhos, genros e noras (além de alguns netos) ajustam velhas contas, discutem política e vivem, naquele reduzido espaço, algumas das utopias e ideias daquele famoso mês de maio. No desenlace, como numa *screwball comedy* americana, género com o qual MILOU EN MAI tem semelhanças, tudo volta (quase) ao normal.

► Sexta-feira [25] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
DAMAGE

Relações Proibidas

de Louis Malle

com Jeremy Irons, Juliette Binoche,
Miranda Richardson, Rupert Graves

Grã-Bretanha, 1992 - 110 min / legendado em português | M/16

Realizado em Londres, DAMAGE adapta o primeiro romance de uma produtora de teatro, que Malle considerou medíocre do ponto de vista literário, mas cuja trama central o interessou: a violenta paixão sexual entre um homem de meia-idade e a noiva do seu filho. A rodagem teve lugar em condições desfavoráveis, parcialmente devidas à degradação do estado de saúde de Malle e sobretudo à arrogante atitude de Jeremy Irons, que não considerou Juliette Binoche digna de contracenar com ele e só moderou um pouco a sua hostilidade depois de Malle lhe mostrar algumas *rushes*. O filme conta ainda com uma excelente presença de Leslie Caron, como *guest star* no papel da elegante mãe da personagem feminina.

► Sábado [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
► Quarta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina
VANYA ON 42ND STREET

de Louis Malle

com Wallace Shawn, Julianne Moore,
Brooke Smith, Larry Pine

Estados Unidos, 1994 - 119 min

legendado eletronicamente em português | M/12

VANYA ON 42ND STREET veio a ser o último trabalho de Malle e foi um dos que lhe deu maior satisfação. Como MY DINNER WITH ANDRÉ tratou-se de um convite de André Gregory e Wallace Shawn, que tinham adaptado *Tio Vânia* de Tchekov, numa montagem-leitura inicialmente destinada a não ser apresentada em público e que depois o foi para plateias de no máximo vinte e cinco pessoas, num teatro em semi-ruínas. A ideia foi perpetuar num filme o espetáculo e por este motivo VANYA ON 42ND STREET pode ser considerado um documentário sobre esta montagem. Como o palco do teatro estava em demasiado mau estado, a peça tem lugar noutros espaços do edifício e Malle não adota o ponto de vista de um espectador de teatro, põe a câmara em movimento e usa com mestria a escala de planos. Peter Brook declarou que VANYA ON 42ND STREET “é um filme essencial na história da maneira de representar, uma verdadeira encruzilhada em tudo o que refere as relações entre o palco e o cinema”.



AU REVOIR LES ENFANTS

IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA

Talvez não tenha havido no cinema europeu, pelo menos desde Anna Magnani, uma atriz com tamanha força elegiaca. Uma intensidade dramática como que esculpida no rosto, na pose e nos gestos calculados, eivados de *gravitas*. Irene Papas (1929-2022) corporizou o legado clássico do teatro no cinema, transformando a sua carreira numa permanente conquista de novas terras e novos mares, mas sem nunca trair as raízes gregas. É justo o epíteto de maior atriz mediterrânica, já que trabalhou na sua Grécia materna, adaptando as tragédias gregas que os seus pais, ambos professores, lhe ensinaram a amar, nomeadamente protagonizando, pela mão de Michael Cacoyannis, entre 1962 e 1976, a Trilogia de Eurípedes, ao passo que em Itália, uma espécie de “segundo país” para a atriz, colaborou com Alberto Lattuada, Elio Petri, Mario Monicelli e Riccardo Freda, só para citar alguns exemplos. Com o produtor e realizador líbio Moustapha Akkad percorreu a história do Islão no Magrebe, em produções de grande monta, *THE MESSAGE* e *LION OF THE DESERT*, contracenando em ambos com Anthony Quinn. E, claro, em Portugal, dirigida por Manoel de Oliveira, participou em três filmes: *PARTY*, *INQUIETUDE* e fez desaguar a sua longa viagem no cinema em *UM FILME FALADO*, conclusão de carreira muito lógica, por se tratar de uma obra que navega pela história europeia ligada ao Mediterrâneo, “a matriz da civilização de que vivemos os dias finais”, como lhe chamou João Bénard da Costa.

Acompanhou a carreira do compatriota Costa-Gavras em França, tendo coprotagonizado, ao lado de Yves Montand e Jean-Louis Trintignant, o *thriller* político *Z*, mas, antes disso, beneficiou do convite de Cacoyannis para entrar no clássico, de produção internacional, *ZORBA THE GREEK*, com Anthony Quinn, ator com quem contracenara pela primeira vez no filme de aventuras da Segunda Guerra Mundial, ambientado na Grécia, *THE GUNS OF NAVARONE*, ainda com Gregory Peck e David Niven no elenco. Do outro lado do Atlântico, desta feita no México, destaca-se também a sua participação na adaptação de um conto de Gabriel García Márquez pelo cineasta luso-brasileiro Ruy Guerra, *ERENDIRA*, no papel de uma avó que explora a neta por causa dos seus “poderes místicos”.

Todos estes filmes contribuíram para a projeção de Papas no panorama internacional, dando conta da sua versatilidade consubstanciada numa grande disponibilidade para testar línguas, linguagens e paisagens diferentes a cada novo passo que dava. Explicou o seu “ecletismo” da seguinte forma: “gosto de fazer toda a gama de teatro e, se estiver nas minhas mãos, todas as formas de expressão artística. A alma de uma pessoa é multidimensional. E a arte não tem, como a sociedade, as suas hierarquias estabelecidas. A arte é um país sem classes.” De *NAVARONE* a Oliveira, Papas percorreu o mundo, carregando consigo, no rosto e na pose, a elegância e a solenidade do espírito helénico.

► Quarta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ERENDIRA

de Ruy Guerra
com Irene Papas, Claudia Ohana,
Michael Lonsdale, Oliver Wehe

México, França, Alemanha, 1982 – 100 min / legendado em francês | M/16

Com *ERENDIRA*, Ruy Guerra dava início a uma nova fase da sua obra, substituindo os argumentos originais por adaptações literárias. *ERENDIRA* adapta fielmente o espírito e a letra de uma novela de Gabriel García Márquez, procurando um equivalente cinematográfico para o chamado “realismo mágico” literário. O filme constituiu o começo de uma colaboração artística que se tornaria regular entre o escritor e o realizador. Irene Papas interpreta a “avó desalmada” (como é descrita no subtítulo da novela) da personagem-título.

► Quarta-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina

UM FILME FALADO

de Manoel de Oliveira
com Leonor Silveira, Catherine Deneuve, Irene Papas,
Stefania Sandrelli, John Malkovich

Portugal, França, 2003 – 96 min / legendado em português | M/12

Uma das atrizes fetiche de Oliveira, Leonor Silveira, rodeada por outros nomes de eleição da sua “família” cinematográfica – John Malkovich, Catherine Deneuve, Irene Papas, a que se junta, aqui, Stefania Sandrelli, reunidos numa viagem às origens da civilização pelo Mediterrâneo.

► Quarta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [04] 19h30 | Sala Luís de Pina

ZORBA THE GREEK

Zorba, o Grego

de Michael Cacoyannis

com Anthony Quinn, Alan Bates, Lila Kedrova, Irene Papas

Estados Unidos, Grécia, 1964 – 146 min
legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos maiores êxitos de bilheteira dos anos sessenta. *Zorba*, o camponês grego, pletórico de vida, símbolo de um povo criado pelo escritor Nikos Kazantzakis, tornou-se a personagem arquetípica de Anthony Quinn, que voltou a interpretá-la 20 anos depois num musical da Broadway. A fabulosa fotografia a preto e branco de Walter Lassally ganhou um Oscar, assim como Lila Kedrova no papel da prostituta moribunda. Música de Mikis Theodorakis. A apresentar em cópia digital.

► Sábado [05] 19h30 | Sala Luís de Pina

PARTY

de Manoel de Oliveira
com Irene Papas, Michel Piccoli,
Leonor Silveira, Rogério Samora

Portugal, França, 1996 – 93 min / legendado em português | M/12

Durante a festa do décimo aniversário de casamento, um casal encontra um outro casal mais velho, com o qual se entrega a um estranho jogo de sedução, que é mais pela posse das almas do que pela dos corpos. A grande comédia humana num confronto em que se escarpelizam as suas paixões e desejos. Diálogos de Agustina Bessa-Luís.

► Segunda-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE FARÒ DA PADRE

La Bambina – Uma Nova Forma de Amor
de Alberto Lattuada

com Gigi Proietti, Teresa Ann Savoy,
Irene Papas, Isa Miranda

Itália, 1974 – 107 min / legendado em português | M/12

Um empresário ambicioso à procura de capital para uma estância de férias, compromete-se a casar com a filha de uma viúva rica. Mas a jovem sofre de perturbações mentais e o homem planeia fazê-la raptar e violar para se libertar do compromisso. Lattuada de novo às voltas com o sul da Itália e com vetustos códigos de honra.



INQUIETUDE

► Segunda-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

INQUIETUDE

de Manoel de Oliveira
com José Pinto, Luis Miguel Cintra, Isabel Ruth, Leonor
Silveira, Irene Papas, Ricardo Trêpa, Leonor Baldaque

Portugal, França, Espanha, Suíça, 1998 – 114 min | M/12

Aparentemente construído em *sketches*, *INQUIETUDE* é um filme surpreendente em que os diferentes episódios comunicam entre si de forma original. A peça *Os Imortais*, de Prista Monteiro, em que José Pinto e Luis Miguel Cintra se enfrentam, revela-se uma encenação a que assiste a personagem de Suzy, na segunda história, adaptada de António Patrício, da qual surge, como um rio, a narrativa lendária da *Mãe de um Rio*, escrita por Agustina Bessa-Luís e interpretada por Irene Papas.

► Terça-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ILEKTRA

“Electra”

de Michael Cacoyannis
com Irene Papas, Giannis Fertis, Aleka Katselli

Grécia, 1962 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Possivelmente a melhor adaptação ao cinema da famosa tragédia grega, com Irene Papas na figura de Elektra que, com o irmão Orestes, vinga o assassinato do pai Agamenon pela mulher Clitemnestra e o amante Egisto.

HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM

Político, educador, ambientalista e produtor cinematográfico, Lord David Puttnam é uma figura britânica de incontornável relevância, nomeadamente pelo seu papel no cinema, onde é considerado um dos mais singulares e bem-sucedidos produtores que alguma vez trabalharam no Reino Unido. Como produtor, distinguiu-se como protagonista do ressurgimento do cinema britânico à escala global durante os anos 1980 e um dos principais estrategas do desenho das políticas audiovisuais europeias. O seu percurso no cinema teve início no final da década de 1960, na Goodtimes Enterprises, antes de fundar a sua própria produtora em 1976, Enigma, através da qual firmou o seu nome na indústria através de apostas inúmeras vezes premiadas. Esteve ligado ao lançamento das carreiras de realizadores britânicos que conheceram enorme sucesso internacional, como foi o caso de Alan Parker (MELODY, 1971), Ridley Scott (THE DUELLISTS, 1977) e Roland Joffé (THE KILLING FIELDS, 1984). Tendo recebido o Oscar de melhor filme com CHARIOTS OF FIRE (Hugh Hudson, 1981) e a Palma de Ouro com THE MISSION (Roland Joffé, 1986), Puttnam assumiu ainda a chefia no estúdio americano Columbia Pictures entre 1986 e 1988, regressando depois disso à produção independente.

Esta homenagem, que contará com a presença de David Puttnam para uma *masterclass* e na apresentação das sessões, é composta por três dos mais emblemáticos filmes produzidos por David Puttnam e que foram três das suas apostas mais pessoais: CAL (Pat O'Connor, 1984), que dá conta da relação de Puttnam com a turbulenta história recente da Irlanda do Norte, bem como dois dos seus maiores sucessos críticos, THE KILLING FIELDS e THE MISSION.

► Quinta-feira [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CAL

Tempo de Guerra

de Pat O'Connor

com John Lynch, Helen Mirren, Donal McCann

Reino Unido, Irlanda, 1984 – 102 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE DAVID PUTTNAM

CAL, filme que marca a estreia de Pat O'Connor enquanto realizador, debruça-se no percurso de um rapaz (John Lynch) pertencente ao IRA (Exército Republicano Irlandês), que se apaixona por uma mulher (Helen Mirren) que descobre ser a viúva da vítima de um assassinato no qual esteve envolvido um ano antes. Baseada num romance de Bernard MacLaverty (foi o próprio escritor que escreveu o argumento), esta história oferece uma perspetiva do amor em confronto com a irreversibilidade do passado e do arrependimento, e com as amarras de um estado político em conflito.

► Sexta-feira [11] 10h30 | Sala M. Félix Ribeiro

MASTERCLASS POR DAVID PUTTNAM

Nesta *masterclass*, organizada em colaboração com a eQuinox Europe (organização que pretende estimular

e facilitar a relação entre os criadores cinematográficos, nomeadamente os argumentistas, e os agentes da produção), David Puttnam examinará as fases de desenvolvimento do argumento, produção, *marketing* e distribuição do filme THE MISSION, para a partir desse *case study* abordar as principais questões que moldam a produção de cinema hoje na Europa.

► Sexta-feira [11] 14h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE MISSION

A Missão

de Roland Joffé

com Robert De Niro, Jeremy Irons, Aidan Quinn

Reino Unido, 1986 – 125 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE DAVID PUTTNAM

Com KILLING FIELDS, THE MISSION forma o mais célebre par de filmes de Roland Joffé, que lhe deu episódica fama (recebeu a Palma de Ouro em Cannes e duas nomeações para o Oscar de Melhor Realizador) em meados dos anos 1980, sem que nada do que Joffé fez depois disso tenha tido eco aproximável. Com uma grande dupla de atores – De Niro e Irons – THE MISSION leva-nos à selva paraguaia do século XVIII, seguindo as aventuras de um padre jesuíta (Irons) apostado em converter uma tribo de índios guaranis.

O argumento faz eco, com bastante rigor, das condições históricas e políticas do período. E a partitura de Ennio Morricone é um dos seus trabalhos mais elogiados.

► Sexta-feira [11] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE KILLING FIELDS

Terra Sangrenta

de Roland Joffé

com Sam Waterston, Haing S. Ngor, John Malkovich

Reino Unido, 1984 – 141 min / legendado em português | M/12

COM A PRESENÇA DE DAVID PUTTNAM

Primeira longa-metragem realizada por Roland Joffé, THE KILLING FIELDS é ainda considerado um dos seus mais bem-sucedidos trabalhos. Um filme que retrata a violência da guerra civil do Camboja, baseado na história real da separação e do reencontro do jornalista Sydney Schanberg (Sam Waterston) com o seu intérprete Dith Pran (Haing S. Ngor), após a subida ao poder do regime dos Khmer Vermelhos, pertencentes ao Partido Comunista do Camboja. Ao passo que o americano consegue fugir e levar a família de Dith Pran para Nova Iorque, o cambojano é obrigado a ficar no país, sendo obrigado a fazer trabalhos forçados nos “campos de morte” e a assistir ao genocídio do seu povo.

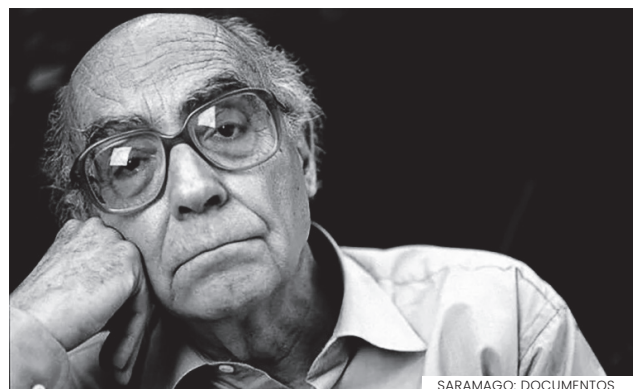
JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

EM COLABORAÇÃO COM A FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO

No ano do centenário do nascimento de José Saramago (1922–2010) e integrado no vasto programa de iniciativas que foi sendo apresentado ao longo de 2022 pela Fundação José Saramago, a Cinemateca Portuguesa associa-se à evocação do Nobel da Literatura português com um Ciclo de cinema que integra as mais importantes adaptações retiradas da sua obra e alguns dos documentários sobre a sua figura.

Nos mais de 40 títulos que escreveu, Saramago foi o criador de um singular e inconfundível estilo literário, que funde o erudito e o popular, integrando toda a riqueza da tradição literária portuguesa com traços narrativos da oralidade, levando às suas histórias um experimentalismo orgânico que estilisticamente se expressa pela supressão da pontuação, enquanto mantém o domínio da lógica discursiva e intensifica o ritmo frásico e a respiração da narração e dos diálogos entre as personagens. Mais do que isso, as suas histórias ligam-se a um projeto ético e político que sempre reiterou, e que se materializa, nos seus livros mais célebres, na construção de mundos ora utópicos, ora distópicos, nos quais as dimensões metafórica e alegórica se enredam num preciso e existencial olhar sobre a humanidade.

O apelo dos universos mais utópicos ou distópicos de Saramago foram propícios à sua adaptação cinematográfica, dando origem a múltiplos projetos nacionais e internacionais, entre os quais produções americanas de grande visibilidade internacional como BLINDNESS (2008), de Fernando Meirelles, que explora a cegueira epidémica e coletiva de *Ensaio Sobre a Cegueira* e a exploração existencialista do caos da identidade humana em ENEMY (2013), de Denis Villeneuve, baseado em *O Homem Duplicado*. As suas metáforas foram também aproveitadas na Europa por George Sluizer, em A JANGADA DE PEDRA (2002) e em EMBARGO (2010), do português António Ferreira, que partiu da premissa do conto *O Embargo*, integrando o seu argumento na situação de um hipotético embargo de petróleo que cortou o fornecimento de gasolina no mundo inteiro. Das restantes adaptações relevantes da sua obra ao cinema, o Ciclo integra também a curta-metragem de animação LA FLOR MÁS GRANDE DEL MUNDO (2007), transposição de um conto infantil de Saramago e com narração do próprio, e a sua incursão pelo universo pessoano vista por João Botelho em O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS (2020). Programado na semana em que o escritor faria cem anos, este Ciclo relembra igualmente a sua presença nos documentários JOSÉ E PILAR (Miguel Gonçalves Mendes, 2010), SARAMAGO: DOCUMENTOS (João Mário Grilo, 1995) e ENSAIO SOBRE O TEATRO (Rui Simões, 2006) e propõe uma conversa sobre a boa ou má fortuna das adaptações cinematográficas da sua obra numa conversa entre o Prof. Carlos Reis (Comissário para o Centenário de José Saramago) e o Prof. Abílio Hernandez.



SARAMAGO: DOCUMENTOS

► Segunda-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

JOSÉ E PILAR

de Miguel Gonçalves Mendes
com José Saramago, Pilar del Rio

Portugal, Espanha, Brasil, 2010 – 133 min / legendado em português | M/6

COM A PRESENÇA DE MIGUEL GONÇALVES MENDES

JOSÉ E PILAR é simultaneamente um retrato de José Saramago, do seu processo de criação e da sua visão do mundo, e o retrato da cúmplice relação do escritor e de Pilar del Rio. Miguel Gonçalves Mendes filmou o casal no decorrer de uma longa temporada, iniciada em 2006, em Lanzarote, Lisboa, e em várias viagens de trabalho dos dois pelo mundo. O ponto de partida é, não só, um dos grandes criadores do século XX, mas também sobre a importância da intimidade relacional que sustenta o seu trabalho.

► Terça-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA Balsa de Piedra

A Jangada de Pedra

de George Sluizer

com Federico Luppi, Icíar Bollaín, Gabino Diego

Espanha, Portugal, Países Baixos, 2002 – 117 min
legendado em português | M/12

Adaptação de um dos mais famosos livros de Saramago, uma fantástica e utópica metáfora política e cultural que principia na separação da Península Ibérica da Europa ao encontro do Sul do Atlântico. À medida que os protagonistas desta história – cinco pessoas e um cão, todos eles com atributos fantásticos – se aproximam do ponto onde a península se separou, A JANGADA DE PEDRA aborda uma dupla viagem, um duplo movimento de transformação da identidade em função das pessoas e da terra, sugerindo a intenção de Saramago, de mostrar “que a Europa, toda ela, deverá deslocar-se para o Sul, a fim de, em desconto dos seus abusos colonialistas antigos e modernos, ajudar a equilibrar o mundo.”

► Terça-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

SARAMAGO: DOCUMENTOS

de João Mário Grilo

com José Saramago, Clara Ferreira,
Suzana Borges, João Lagarto

Portugal, 1996 – 54 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JOÃO MÁRIO GRILO

SARAMAGO: DOCUMENTOS é um documentário que parte de uma longa entrevista dada por José Saramago na sua casa de Lanzarote, para criar um retrato da sua obra nos cruzamentos entre a palavra e a imagem fílmica, através de pormenores dos processos de produção dos livros enquanto obras e objetos, imagens de arquivo e reconstituições alusivas. Como disse Carlos Melo Ferreira, “João Mário Grilo nem serve José Saramago nem se serve dele. Encontra-o, e sobre esse encontro estabelece as pontes entre a arte da escrita, a arte do filme e a arte da fala”. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA FLOR MÁS GRANDE DEL MUNDO

de Juan Pablo Etcheverry
com José Saramago (voz)

Espanha, 2010 – 10 min

EMBARGO

de António Ferreira

com Filipe Costa, Cláudia Carvalho, Pedro Diogo

Portugal, Espanha, Brasil, 2010 – 80 min

duração total da projeção: 90 min | M/12

COM A PRESENÇA DE ANTÓNIO FERREIRA

LA FLOR MÁS GRANDE DEL MUNDO dá expressão visual ao primeiro livro infantil escrito por Saramago, um conto de contemplação e magia sobre um menino que atravessa rios e florestas para dar vida a uma flor murcha, remontando ainda à tradição oral através da presença da imagem e da voz do próprio escritor enquanto personagem-narrador. Passado durante um embargo petrolífero que afeta o mundo inteiro, deixando as cidades sem gasolina, EMBARGO aproveita o conto homónimo de Saramago, incluído no livro *Objecto Quase* (1978), levando o seu contexto de crise ao cinema e à história individual de Nuno, um homem que trabalha num stand de bifanas enquanto tenta fazer render a sua invenção, um *scanner* podológico com que promete revolucionar a indústria do calçado. Ambos os filmes são primeiras apresentações na Cinemateca.

► Quinta-feira [17] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

BLINDNESS

Ensaio sobre a Cegueira

de Fernando Meirelles

com Julianne Moore, Mark Ruffalo, Gael García Bernal

Brasil, Canadá, Japão, 2008 – 121 min / legendado em português | M/16

BLINDNESS foi realizado a partir de *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995), a mais terrível e impactante ideia de humanidade escrita por Saramago, tomando como metáfora uma cegueira “branca” que, como uma epidemia, atinge os habitantes de uma cidade. A quarentena em que as pessoas atingidas pela cegueira são colocadas assume o contexto social perfeito para o desenvolvimento dos seus instintos e para a expressão do potencial humano para o mal. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quinta-feira [17] 19h30 | Sala Luís de Pina

ENSAIO SOBRE O TEATRO

de Rui Simões

Portugal, 2006 – 100 min | M/12

COM A PRESENÇA DE RUI SIMÕES

Em ENSAIO SOBRE O TEATRO, Rui Simões acompanha a adaptação teatral que o Teatro O Bando faz de *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago, construindo um documentário que retrata o processo criativo da adaptação do texto para teatro seguindo a encenação

de João Brites e dos seus atores até ao momento da estreia na presença do escritor. Um registo de um processo e do retrato dos bastidores que se propõe, ele próprio, como um ensaio sobre a arte de fazer teatro.

► Sexta-feira [18] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ENEMY

O Homem Duplicado

de Denis Villeneuve

com Jake Gyllenhaal, Mélanie Laurent, Sarah Gadon

Canadá, Espanha, França, 2013 – 91 min

legendado eletronicamente em português | M/14

O Homem Duplicado (livro de 2002) adaptado para um drama psicológico. Retendo a premissa do romance de Saramago, ENEMY explora o subconsciente paranoico de um professor de História que encontra uma pessoa exatamente igual a ele num filme a que assiste. O encontro entre os dois dá início a uma exploração surrealista que toma conta da sua vida e da sua relação amorosa na forma de um pesadelo materializado. Um filme sobre as distâncias entre o “eu”, o “outro” e o caos do subconsciente, que respeita a intenção do livro, descrita por Saramago como a ideia de que “o caos é uma ordem por decifrar”. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sexta-feira [18] 18h30 | Sala Luís de Pina

MESA-REDONDA

“JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA”

Quase a fechar este programa dedicado a José Saramago, uma conversa entre o Prof. Carlos Reis (Comissário para o Centenário de José Saramago) e o Prof. Abílio Hernandez, estudioso das relações entre cinema e literatura, sobre a especificidade dessa obra literária e as questões particulares que coloca na sua transposição para o meio cinematográfico.

Entrada livre, mediante levantamento de ingresso na bilheteira

► Sábado [19] 19h30 | Sala Luís de Pina

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS

de João Botelho

com Chico Díaz, Luís Lima Barreto,
Catarina Wallenstein, Victoria Guerra

Portugal, 2020 – 129 min | M/12

As incursões de João Botelho no mundo de Fernando Pessoa fizeram um desvio pela obra de José Saramago, especificamente o romance por ele publicado em 1984 e que dá título ao filme. Ricardo Reis, um dos heterónimos de Fernando Pessoa, regressa a Lisboa (em 1935, o ano da morte de Pessoa) depois de uma longa ausência e observa os sinistros acontecimentos que têm lugar em Portugal e na Europa. Botelho teve uma atitude radical ao transcrever o romance e baseou o seu filme inteiramente no verbo, fiel ao “cinema do tempo” e não ao “cinema do movimento”.

A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S FILM FESTIVAL

Depois de uma primeira colaboração em 2014, a Cinemateca volta a associar-se ao Olhares do Mediterrâneo – Women’s Film Festival, festival que se realiza em Lisboa desde esse ano no Cinema São Jorge e centrado na produção cinematográfica dos dois lados da bacia mediterrânica e em particular nos filmes realizados por mulheres. O festival organiza este ano um foco intitulado Olhares do Líbano, em colaboração com o Beirut International Women Film Festival/Beirut Film Society, com uma seleção de filmes (documentários, ficções, curtas-metragens) de realizadoras libanesas produzidos entre 1974 e 2021, de forma a oferecer um vislumbre sobre uma das cinematografias mais ricas do Médio Oriente. A Cinemateca apresenta quatro das sessões de caráter mais histórico desse programa dedicado a uma cinematografia muito marcada pela questão da guerra civil que martirizou o país entre 1975 e 1990 e que permanece em larga medida por descobrir em Portugal (todos os filmes a exibir são primeiras apresentações na Cinemateca). As sessões serão apresentadas por Sam Lahoud, diretor do Beirut International Women Film Festival. Estará presente a realizadora Heiny Srour, nome essencial do cinema libanês, em duas das sessões com os seus filmes.



SAAT EL TAHRIR DAKKAT, BARRA YA ISTI MAR

► Segunda-feira [14] 21h45 | Sala M. Félix Ribeiro

CIVILISÉES

“Civilizados”

de Randa Chahal Sabag

com Jalila Baccar, Tamim Chahal, Myrna Maakaron

França, Líbano, 1999 – 97 min

legendado eletronicamente em português | M/12



SESSÃO APRESENTADA POR SAM LAHOUD

CIVILISÉES transforma o tema da emigração durante a guerra civil do Líbano ocorrida entre 1975 e 1990 numa irónica comédia negra, abordando a história de um bairro de Beirute no qual famílias ricas deixaram as suas casas ao cuidado de empregados e trabalhadores que por sua vez são emigrantes do Egito, Filipinas e Sri Lanka.

► Terça-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BARAKAT

“Bênção”

de Manon Nammour, Mariana Abou Elias

com Mounir Maasri, Camille Salameh, Rudy Ghafari

Líbano, 2019 – 14 min

YAWMIYAT SCHEHERAZADE

“O Diário de Scheherazade”

de Zeina Daccache

Líbano, 2013 – 78 min

duração total da projeção: 92 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR SAM LAHOUD

BARAKAT materializa a questão da memória no espaço e no contexto da modernização da cidade através de um

conto geracional, sobre um homem que volta a Beirute para comprar um fato para o casamento do neto e se deixa afetar pela ausência de referências num espaço que outrora era seu. YAWMIYAT SCHEHERAZADE acompanha um *workshop* de terapia teatral numa prisão de mulheres em Beirute. Enquanto produzem e ensaiam uma peça baseada nos contos de *As Mil e uma Noites*, acedemos às suas experiências e às razões das suas condenações, muitas das quais se deveram a reações e retaliações contra situações de violência doméstica.

► Terça-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LEILA WA AL ZIAP

“Leila e os Lobos”

de Heiny Srour

com Rafik Ali Ahmad, Nabila Zeitouni

Reino Unido, Líbano, Bélgica, Países Baixos, 1984 – 90 min

legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE HEINY SROUR

Realizadora relevantíssima no panorama do cinema árabe, Heiny Srour foi a primeira mulher a fazer filmes no Líbano, centrando os seus temas numa abordagem do mundo feminino e no lugar político das mulheres no mundo árabe. LEILA WA AL ZIAP é o seu único filme ficcional, e conta a história de Leila, uma estudante libanesa exilada em Londres que viaja no tempo pela história das mulheres libanesas e palestinianas e as suas condições sociais ao longo do século XX, fazendo uma revisão da memória árabe de acordo com uma perspetiva feminina através de reinterpretações de imagens de arquivo.

► Quarta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina

THEN CAME DARK

de Marie-Rose Osta

com Ali Jamil, Hussein Khalaf

Líbano, 2021 – 15 min

SAAT EL TAHRIR DAKKAT, BARRA YA ISTI MAR

“Chegou a Hora da Liberação”

de Heiny Srour

Reino Unido, Líbano, França, 1974 – 62 min

duração total da projeção: 77 minutos

legendados eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE HEINY SROUR

THEN CAME DARK é o mais recente filme de Marie-Rose Osta, curta-metragem de ficção que contempla, através da escuridão e da neblina, uma rutura do equilíbrio entre a natureza e os homens que arrastam uma árvore numa floresta nas montanhas do Líbano. SAAT EL TAHRIR DAKKAT, BARRA YA ISTI MAR, de Heiny Srour, é o primeiro filme alguma vez realizado por uma mulher libanesa, constituindo por isso um documento único para a história quer do cinema do Líbano, mas também de Omã, onde foi filmado. Entre 1971 e 1974 a realizadora viajou para Dhofar, no Omã em plena guerra civil para acompanhar um movimento guerrilheiro, democrático e feminista que lutava contra o Sultanato de Omã pela liberação secular, fazendo um retrato de uma tentativa de reforma social e do papel político das mulheres numa sociedade árabe.

ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA



LA SALAMANDRE

Antes de se iniciar na realização, Alain Tanner (1929-2022) foi um entusiasta de uma nova cultura, aquela que, como escreveu Freddy Buache, o antigo diretor da Cinemateca Suíça, “ajuda a viver”: a cinefilia. Fundou com Claude Goretta o Cineclub Universitário de Genebra, tendo difundido essa cultura cinéfila pelo território, com apresentações e palestras animadas por autores, tais como Jean Painlevé, Georges Rouquier e Georges Franju. Após um estágio no British Film Institute, onde organizou os arquivos e traduziu filmes, Tanner e Goretta iniciaram-se na prática do cinema, com um dos mais belos filmes de todos os programas

do movimento *Free Cinema*, NICE TIME, “uma série de impressões sobre a realidade do sábado à noite”, descreveu-o assim o próprio. No ano quente de 1968, regressado à Suíça, funda o Grupo 5 com Goretta, Jean-Louis Roy, Michel Soutter e Jean-Jacques Lagrange (substituído em 1971 por Yves Yersin). Este núcleo do novo cinema suíço investe na produção de filmes realizados de maneira, outra vez nas palavras de Buache, “livre e assumidamente pessoal”, que eram transmitidos na TV suíça após terem distribuição comercial em sala. Será, embalado por este contexto de produção e distribuição, que Tanner se estreia na longa-metragem de ficção com CHARLES MORT OU VIF, em que François Simon interpreta um proprietário de uma fábrica de relógios que desaparece subitamente, decidido a mudar de vida. Valeu-lhe o grande prémio em Locarno. Todas estas erupções e irrupções, por vezes, tão violentas que geram mudanças de vida, não serão infrequentes no cinema de Tanner, apresentando-se este repleto de “errâncias” e “desvios”, nomeadamente na sua fase lisboeta, em filmes como DANS LA VILLE BLANCHE e REQUIEM.

O presente Ciclo recorda Alain Tannner (que esteve na Cinemateca para acompanhar o Ciclo e o catálogo que lhe foram dedicados em 1987) concentrando-se apenas na sua fase suíça, nomeadamente nos primeiros sucessos, na qual procurava lidar, de alguma maneira, com o estertor das promessas revolucionárias de 1968, algo muito evidente no primeiro grande sucesso popular de Tanner, LA SALAMANDRE, história, co-assinada pelo inglês John Berger, sobre falsos movimentos, inconformismo e amoralidade no coração da classe trabalhadora suíça. As tensões de classe, o *ennui* burguês e fugas várias – por exemplo, em LE RETOUR D’AFRIQUE, o casal cansado das comodidades burguesas faz as malas e parte para a Argélia – são mostrados de uma forma desafetada e distanciada, devedora de Brecht mas também reveladora das raízes documentais do seu cinema, a que acresce uma vontade de escapar à linguagem audiovisual *mainstream*, da televisão e da publicidade, alinhando-se Tanner com a ideia godardiana de que a revolução é tanto uma questão de fundo quanto de forma. JONAS QUI AURA 25 ANS EN L’AN 2000, também co-escrito por John Berger, talvez possa ser visto como o LA CHINOISE do pós-Maio de 68: vários homens e mulheres encaram os anos revolucionários – “A política já não serve para nada”, lamenta um deles – e perguntam-se sobre as voltas que a vida deu ou, como se interroga o professor Marco frente aos seus alunos, “de que são feitas as dobras do tempo?”.

► Quarta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LA SALAMANDRE

A Salamandra

de Alain Tanner

com Bulle Ogier, Jean-Luc Bideau, Jacques Denis, Véronique Alain, Marblum Jéquier

Suíça, 1971 – 122 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Na passagem dos anos sessenta para os setenta, o jovem cinema da Suíça francófona teve grande reconhecimento internacional, no circuito crítico, nos festivais e nos cinemas de arte. Alain Tanner foi o nome mais conhecido deste cinema, ao lado de Claude Goretta e Michel Soutter. LA SALAMANDRE, apresentado na Quinzena dos Realizadores, em Cannes, foi provavelmente o filme que melhor fez conhecer este cinema. A partir de um argumento co-assinado com John Berger, Tanner filma a história de Pierre, um jornalista contratado para escrever um argumento para a televisão suíça a partir de um caso verídico do passado recente que envolve a acusação de homicídio a uma rapariga que teria disparado sobre um tio. Com um amigo escritor, Paul, Pierre aborda a história segundo duas perspetivas diferentes, recorrendo a entrevistas e imaginando as personagens a partir dos factos conhecidos. A premissa narrativa de partida é portanto um argumento em processo de escrita. A preto e branco, o filme foi filmado em 16 mm e ampliado para 35 mm, com uma imagem bastante contrastada. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE RETOUR D’AFRIQUE

Regresso de África

de Alain Tanner

com Josée Destoop, François Marthouret, Juliet Berto

Suíça, França, 1973 – 100 min

legendado eletronicamente em português | M/12

LE RETOUR D’AFRIQUE baseia-se num texto escrito por Aimé Césaire em 1939, que marcou profundamente Alain Tanner. Césaire inspira os gestos e as palavras do protagonista e da sua mulher que, cansados das comodidades de uma vida burguesa em Genebra, decidem vender todos os seus bens e partir para a Argélia. Uma viagem que não correrá como pensado. A apresentar em cópia digital.

► Segunda-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JONAS QUI AURA 25 ANS EN L'AN 2000

Jonas que Terá 25 Anos no Ano 2000

de Alain Tanner

com Jean-Luc Bideau, Miou-Miou, Myriam Boyer

França, Suíça, 1976 – 116 min

legendado eletronicamente em português | M/12

Um dos filmes mais populares de Alain Tanner, JONAS QUI AURA 25 ANS EN L'AN 2000 faz uma análise quase documental do conceito de família nos fins de 60 e início da década de 70 através das relações de oito pessoas que, de uma forma ou de outra, estão ligadas ao pequeno Jonas (personagem a que Tanner regressaria, em 1981, no filme LES ANNÉES LUMIÈRE). JONAS... não é exibido na Cinemateca desde 1992. A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CHARLES MORT OU VIF

O Último a Rir

de Alain Tanner

com François Simon, Marcel Robert, Marie-Claire Dufour

Suíça, 1969 – 90 min / legendado em português | M/12

Primeira longa-metragem de ficção de Tanner (grande prémio do Festival de Locarno 1969), CHARLES MORT OU

VIF segue a personagem de um proprietário de uma fábrica de relógios que desaparece subitamente, decidido a mudar de vida. “Feito sob o signo de Maio, surge, naturalmente, marcado pela rutura, da recusa assumida por uma certa burguesia enfasiada com os seus valores (ou a falta deles)” (Manuel Cintra Ferreira). A apresentar em cópia digital.

► Terça-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE MILIEU DU MONDE

O Centro do Mundo

de Alain Tanner

com Olimpia Carlisi, Philippe Léotard,

Juliet Berto, Denise Péron

Suíça, 1974 – 109 min / legendado eletronicamente em português | M/16

Inspirando-se num acontecimento verídico, LE MILIEU DU MONDE conta a história de Paul, um jovem engenheiro casado e pai de família que aceita candidatar-se a eleições municipais sem pertencer a nenhum partido político. Quando conhece uma jovem imigrante italiana viúva envolve-se com ela. Tanner falou deste seu filme como “uma história simples (...)”. A partir do momento em que a rapariga mexe, abala o edifício social, muito mais depressa do que um homem. Porque toca na família, em tudo o que está na base da nossa sociedade.”

► Quarta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LES ANNÉES LUMIÈRE

Os Anos de Luz

de Alain Tanner

com Trevor Howard, Mick Ford, Bernice Stegers, Henri Virlojeux, Odile Schmitt

França, Suíça, Irlanda, 1981 – 105 min / legendado em português | M/12

O reencontro de Alain Tanner com “Jonas, que tem 25 anos no ano 2000”, data em que a narrativa do filme se situa. Mas essa é, como numa *private joke*, a única relação óbvia com o muito mais conhecido filme de 1975, sendo LES ANNÉES LUMIÈRE uma insólita parábola, quase em regime de ficção científica “distópica”, sobre um mundo pós-apocalíptico, com centro na relação entre Jonas (Mick Ford) e um velho eremita russo (Trevor Howard). À época o filme dececionou mesmo os maiores entusiastas de Tanner. A redescobrir, portanto.

A CINEMATECA COM O INSHADOW

OInShadow – Lisbon ScreenDance Festival apresenta, este ano, a sua 14ª edição como habitualmente em vários espaços da cidade de Lisboa. Em nova colaboração com a Cinemateca, o InShadow propõe, ao longo de três sessões documentais, um olhar renovado sobre o processo artístico e criativo de quatro coreógrafos de referência no mundo da dança moderna – Alain Platel, Olga Roriz, Victor Hugo Pontes e Mónica Valenciano – com filmes realizados por, respetivamente, Alain Platel e Mirjam Devriendt, Henrique Pina, Miguel C. Tavares e Manuel Fernández-Valdés, todos eles primeiras apresentações na Cinemateca.

► Quarta-feira [23] 19h30 | Sala Luís de Pina

WHY WE FIGHT?

de Alain Platel, Mirjam Devriendt

com Bérengère Bodin, Samir M'Kirech, TK Russell

Bélgica, 2021 – 97 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Alain Platel e Mirjam Devriendt, intimamente ligados ao teatro, à dança e à *performance*, fazem deste título a pergunta central do seu documentário, posta aos bailarinos Bérengère Bodin, Samir M'Kirech e TK Russell. Através de imagens de dança e da montagem de representações sociais e artísticas da violência, os três discutem a violência no mundo e neles próprios, e as possibilidades da dança enquanto um “espelho daquilo que vivemos hoje”. “When we're out of words, the body takes over”, expressão usada no filme, relaciona-se igualmente com a violência da humanidade e com a dança enquanto catarse.

► Sexta-feira [25] 19h30 | Sala Luís de Pina

AUTOPSY: JOURNEY OF A CREATION

de Henrique Pina

com Companhia Olga Roriz

Portugal, 2021 – 53 min

IRMÃOS

de Miguel C. Tavares

com Victor Hugo pontes, Dinis Duarte, Paulo Mota, Valter Fernandes

Portugal, 2022 – 49 min

duração total da projeção: 102 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

Sessão composta por dois documentários sobre a criação artística no contexto da dança contemporânea portuguesa. Realizado a pretexto do 25º aniversário da companhia Olga Roriz, AUTOPSY: JOURNEY OF A CREATION acompanha a preparação da sua última peça, *Autopsy*,

abrindo um acesso privilegiado aos seus métodos de criação coreográfica. IRMÃOS faz um registo da criação e preparação da interpretação de *Os Três Irmãos*, peça original de Gonçalo M. Tavares seguindo um desafio de Victor Hugo Pontes. Mostrando de forma próxima o trabalho desse coreógrafo com os bailarinos Dinis Duarte, Paulo Mota e Valter Fernandes, o filme reflete íntima e detalhadamente os processos inscritos na construção da linguagem coreográfica numa relação intertextual com a obra literária.

► Sábado [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

HE VENIDO A LEER LA NOCHE

de Manuel Fernández-Valdés

com Mónica Valenciano, Raquel Sánchez

Espanha, 2021 – 93 min | M/12

HE VENIDO A LEER LA NOCHE é um documentário sobre a bailarina e coreógrafa Mónica Valenciano. Entre o campo e o palco onde ensaia, assistimos ao desenvolvimento dos processos criativos na preparação de uma dança com Raquel Sánchez, e ao seu interesse na exploração das possibilidades da dança, da espontaneidade do gesto, do sopro e do corpo como modo de expressão cuja sensibilidade e inteligibilidade está para além das palavras.

DOUBLE BILL

Todos os sábados, celebram-se casamentos improváveis entre filmes de períodos, realizadores e com “assinaturas” estilísticas diferentes. Disparates, mal-entendidos e equívocos de bradar aos céus. Títulos iguais ou muito parecidos geram erros de comunicação ou impressionantes saltos no tempo e no espaço: podemos ouvir falar de uma “história simples” e nos precipitarmos para o Iowa, nas profundezas dos Estados Unidos da América, ao invés de imaginarmos a dolorosa luta diária de uma mãe e de uma filha por um teto, em Paris. Podemos seguir pela correnteza de um rio a achar que o filme é mudo, um dos mais belos, ainda que inacabados, de Borzage, mas na realidade tratar-se de uma perturbante história de um rapaz em Taiwan a braços com uma insuportável dor no pescoço de que não se consegue livrar. Pode ser que o rei de Nova Iorque seja um lorde da droga interpretado por Christopher Walken ou o monarca de um país fictício em visita à *Big Apple* encarnado por Charles Chaplin, em modo de denúncia à hipocrisia do McCarthismo. E, depois, o mesmíssimo nome de um homem – real – e de uma personagem – fictícia – aponta para percursos diferentes (porventura tornados opostos) no quadro maior do cinema português: JAIME e JAIME, de António Reis e de António-Pedro Vasconcelos, respetivamente.

► Sábado [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JAIME

de António Reis

Portugal, 1974 – 35 min

JAIME

de António-Pedro Vasconcelos

com Saul Fonseca, Fernanda Serrano, Joaquim Leitão, Nicolau Breyner

Portugal, 1999 – 111 min

duração total da projeção: 146 minutos | M/12

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

Um dos primeiros trabalhos do poeta do cinema português, António Reis, JAIME, documentário sobre o falecido doente psiquiátrico – também pintor – Jaime Fernandes, irrompeu na nossa cinematografia como um gesto único de solidez e força instintiva. O máximo de originalidade com o máximo de modernidade. Ambientado na cidade do Porto, nos bairros populares próximos da Ribeira, JAIME – o único filme realizado para cinema de António-Pedro Vasconcelos durante os anos 90 – é uma incursão num registo evocativo do neorrealismo, cujo princípio do argumento – um rapaz acalenta a esperança de recuperar a mota roubada do pai – cita um dos clássicos do género, LADRI DI BICICLETTE.

► **Sábado [12] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

THE RIVER

de Frank Borzage
com Charles Farrell, Mary Duncan
Estados Unidos, 1929 – 55 min

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHEVTZ

HE LIU

O Rio
de Tsai Ming-liang
com Lee Kang-sheng Lee, Miao Tien,
Lu Hsiao-Ling, Chen Shiang-Chyl
Taiwan, 1997 – 115 min
duração total da projeção: 170 minutos
legendados em português | M/12

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

“Entalado” entre duas das obras-primas maiores de Borzage (e de todo o cinema mudo), STREET ANGEL e LUCKY STAR, ambas com Janet Gaynor e Charles Farrell, THE RIVER mantém a estrela masculina mas põe-na a contracenar com Mary Duncan. O destino do filme foi funesto como os tons com que é pintado o romance no filme: mal recebido pelo público e pela crítica (salvo, pelo menos, a francesa), acabou por se tornar um dos filmes inacabados mais amados da História: “Fica-nos uma dor de alma, e uma fervorosa prece para que um dia se possa ver, em todo o seu fulgor, este filme admirável, este poema louco de amor ou de amor louco, objeto único e irrepetível da história do cinema”, escreveu Manuel Cintra Ferreira. Urso de Prata no Festival de Berlim de 1997, HE LIU/O RIO foi o primeiro filme de Tsai Ming-liang a estreiar-se comercialmente em Portugal. O lema desta história, atravessada pelas dores do corpo e da alma, é este: “A vida é como um rio, há sempre algum recanto escuro, profundo e pantanoso”. Filme sobre os percursos paralelos de três membros de uma família (um deles a braços com

uma excruciante dor no pescoço) até ao dilúvio final, depois prolongado em THE HOLE, o título seguinte de Tsai. HE LIU não passa na Cinemateca desde 2001.

► **Sábado [19] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

A KING IN NEW YORK

Um Rei em Nova Iorque
de Charles Chaplin
com Charles Chaplin, Dawn Addams,
Oliver Johnston, Michael Chaplin
Reino Unido, Estados Unidos, 1957 – 105 min

THE KING OF NEW YORK

O Rei de Nova Iorque
de Abel Ferrara
com Christopher Walken, David Caruso,
Laurence Fishburne, Wesley Snipes, Steve Buscemi
Estados Unidos, 1990 – 103 min
duração total da projeção: 208 minutos
legendados em português | M/18

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

Longe da personagem de Charlot, abandonada em 1936, em MODERN TIMES, Chaplin, em A KING IN NEW YORK, ajusta contas com os Estados Unidos, cinco anos depois de ter sido praticamente expulso do país. Na sequência de um golpe de Estado, o rei de um país fictício da Europa Central foge para Nova Iorque com boa parte do tesouro do seu país. Uma vez chegado, vê-se envolvido em aspetos da cultura americana com os quais não contava, como o culto do dinheiro e da forma física. Porventura a obra-prima de Ferrara, THE KING OF NEW YORK é um filme noctívago, de “vampiros”, sobre o mundo do crime e da droga, centrado na personagem de Frank White, um Christopher Walken em ponto de rebuçado, procurando – como é habitual nas personagens de Ferrara – alguma forma de redenção. Primeira exibição na Cinemateca.

A apresentar em cópia digital.

► **Sábado [26] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro**

UNE SIMPLE HISTOIRE

de Marcel Hanoun
com Raymond Jourdan, Gilette Barbier, Madeleine Marion
França, 1959 – 68 min

THE STRAIGHT STORY

Uma História Simples
de David Lynch
com Richard Farnsworth, Sissy Spacek, Harry Dean
Stanton, Jane Galloway, Joseph A. Carpenter
Estados Unidos, 1999 – 112 min
duração total da projeção: 180 minutos
legendados em português | M/12

ENTRE OS DOIS FILMES HÁ UM INTERVALO DE 20 MINUTOS

THE STRAIGHT STORY é a história real de um velho que resolve visitar o irmão com quem estava desavindo há vários anos e que se encontra doente, vivendo a algumas centenas de quilómetros. A viagem é feita num corta-relva, e a sua lentidão proporciona ao viajante uma série de encontros, que fazem deste filme um dos melhores exemplos da “americana”, na linha dos clássicos do género feitos por John Ford, D. W. Griffith, Henry King e Henry Hathaway. Conto, que despedaça o coração incauto, sobre uma mãe e filha à deriva por Paris, tentando arranjar um teto e um emprego que lhes permita simplesmente (sobre)viver. Primeira obra que foi comparada (justa e injustamente) com Bresson, mas que revela já o estilo clarividente e pugnaz que viria a caracterizar o cinema de Marcel Hanoun. Para Jonathan Rosenbaum, em UNE SIMPLE HISTOIRE, “o tratamento formal dado a um assunto neorrealista está entre os mais originais do cinema moderno”. Primeira apresentação na Cinemateca.

ANTE-ESTREIAS

A presentamos este mês a ante-estreia de EDITOR CONTRA, documentário de Luís Alvarães que revisita a figura de Fernando Ribeiro de Mello, fundador das Edições Afrodite.

► **Quinta-feira [24] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

EDITOR CONTRA

de Luís Alvarães
com Flávio Gil, Dinis Gomes, Teresa Coutinho
Portugal, 2022 – 55 min | M/12

COM A PRESENÇA DE LUÍS ALVARÃES

A partir do livro homónimo de Pedro Piedade Marques, EDITOR CONTRA relembra a vida de Fernando Ribeiro de Mello, uma das mais controversas personalidades do século XX português, fundador das Edições Afrodite, a partir

da qual, antes do 25 de Abril de 1974 publicou uma vasta coleção de livros proibidos e censurados pelo Estado Novo. Considerando que “os livros das Edições Afrodite fazem hoje parte da história dos pequenos editores marginais e dos sonhos dos alfarrabistas”, este documentário evoca testemunhos e encenações para fazer “uma evocação celebratória da ousadia e das aventuras” de um editor que fez da irreverência o seu traço mais digno antes e após a revolução, possibilitando uma aproximação às particularidades mais intrépidas do mundo da literatura portuguesa do século XX.

A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UMA PAISAGEM, DE JOÃO NISA

EM PARCERIA COM A GALERIA ZÉ DOS BOIS (ZDB)

Sessão organizada por ocasião da exposição individual de João Nisa, *Primeiras Impressões de uma Paisagem*, com curadoria de Natxo Checa, a decorrer na Galeria Zé dos Bois (ZDB), entre 6 de outubro e 7 de janeiro de 2023. A exposição é constituída por uma instalação elaborada a partir de material filmado no interior do Aqueduto das Águas Livres, através da utilização de um dos seus segmentos como uma série de dispositivos de *camera obscura*. As várias projeções apresentam imagens de uma paisagem maioritariamente rural, situada nos arredores de Lisboa, as quais se fundem com as texturas das paredes de pedra do Aqueduto, assumindo um carácter surpreendente. A sessão na Cinemateca é a primeira de um pequeno programa, paralelo à exposição, que prosseguirá no espaço da ZDB até ao início de dezembro, constituído por filmes escolhidos por João Nisa para dialogar com o seu trabalho, sobretudo oriundos do domínio do chamado cinema experimental. A par de um filme anterior de Nisa, em alguns aspetos próximo da instalação agora apresentada, são exibidas três obras de três cineastas/artistas, que com eles partilham uma atenção particular aos lugares e um conjunto de preocupações formais.

► **Quinta-feira [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

NOCTURNO

de João Nisa
Portugal, 2007 – 27 min / sem diálogos

TIME AS ACTIVITY (DUSSELDORF)

de David Lamelas
Alemanha, 1969 – 13 min / mudo

FOG LINE

de Larry Gottheim
Estados Unidos, 1970 – 11 min / mudo

PALAST

de Tacita Dean
Alemanha, 2004 – 11 min / sem diálogos
duração total da projeção: 62 minutos | M/12

COM AS PRESENÇAS DE JOÃO NISA E NATXO CHECA

NOCTURNO, de João Nisa, descreve em termos visuais e sonoros o espaço abandonado da antiga Feira Popular de Lisboa, no período anterior à demolição das suas instalações, exibindo numa duração alongada fachadas semidestruídas e divertimentos desmontados, recobertos por diversos jogos de sombras. “Procurei recuar até um certo grau zero da linguagem cinematográfica, registando os mais pequenos acontecimentos no interior de uma série de

enquadramentos fixos de um espaço desertificado” (João Nisa). TIME AS ACTIVITY (DUSSELDORF), do artista argentino David Lamelas, é composto por três vistas urbanas fixas, filmadas em três pontos distintos da cidade alemã, num trabalho originalmente concebido para o contexto expositivo, que procurava introduzir o tempo, na sua dimensão mais concreta, como material artístico. FOG LINE, de Larry Gottheim, um dos nomes fundamentais do cinema experimental norte-americano, apresenta uma paisagem rural atravessada por cabos de alta tensão, envolta num espesso nevoeiro que se vai lentamente desvanecendo, num plano contínuo em permanente transformação. Em PALAST, a artista inglesa Tacita Dean filma fragmentos da fachada espelhada do Palast der Republik, um imponente edifício governamental da antiga RDA entretanto demolido, revelando-nos os reflexos das construções circundantes ao longo de um pôr-do-sol. Nas suas diferentes nuances e subtilidades, os vários filmes da sessão assentam num extraordinário trabalho de composição e atenção à duração, ao mesmo tempo que exibem uma evidente dimensão conceptual. Com exceção de NOCTURNO, todos os títulos foram filmados em 16mm e têm primeiras exposições na Cinemateca.

A CINEMATECA COM O CINENOVA

A Cinemateca volta a colaborar com o CINENOVA, Festival Interuniversitário de Cinema e Conhecimento, organizado por alunos e professores da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e a decorrer naquela faculdade. A abertura da quarta edição acontece na Cinemateca com um filme que, à semelhança da maior parte das obras a exhibir no festival, trabalha as formas do documentário e do ensaio cinematográfico: RUA DOS ANJOS, de Renata Ferraz e Maria Roxo.

► Terça-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
RUA DOS ANJOS
de Renata Ferraz, Maria Roxo
Portugal, 2022 – 84 min | M/16

COM A PRESENÇA DE RENATA FERRAZ

RUA DOS ANJOS constrói-se a partir do encontro da realizadora, investigadora e atriz brasileira Renata Ferraz com Maria Roxo, uma trabalhadora sexual nascida em Moçambique. As duas criam o cenário de uma partilha que entrecruza dois ofícios e dois modos de saber, as suas histórias pessoais. Enquanto trocam e ensinam as suas técnicas uma à outra, tornam-se ambas realizadoras, iniciando um diálogo antropológico e etnológico sobre as nuances do trabalho colaborativo.

INADJECTIVÁVEL

“entre tantas, tantas outras coisas de beleza inadjectivável”
(João Bénard da Costa)

► Quarta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
ERASERHEAD
Eraserhead
de David Lynch
com Jack Nance, Charlotte Stewart, Allen Joseph
Estados Unidos, 1977 – 88 min / legendado em português | M/16

Primeira longa-metragem de David Lynch, depois de uma série de curtas mais ou menos “experimentais”, e perfeita introdução a um dos universos mais coerentes do cinema contemporâneo. Entre o surrealismo, o horror e uma memória como que distorcida do cinema clássico, ERASERHEAD é um singularíssimo mergulho num mundo que está ele próprio entre a doçura e a abjeção (o grotesco bebé, uma das imagens mais poderosas de toda a obra de Lynch), num território de sonho e fantasmas do mais variado tipo. Dele disse Lynch: “é o meu filme mais espiritual”.

FILMar NO DIA NACIONAL DO MAR – REINSCREVER ANTÓNIO CAMPOS

António Campos (1922-1999) foi um pioneiro quando no cinema tudo parecia já ter sido esgotado, num país onde o cinema realmente livre era um exercício de redobrada imaginação, quando não uma impossibilidade. Chamemos-lhe escultor visual de paisagens habitadas por gentes maiores do que o ecrã, que recusam ser personagens porque existem para lá, antes e muito maiores que esse mesmo ecrã onde raramente foram vistas. Desta forma, pelo menos, à sua escala, diríamos.

O seu cinema – antropológico, etnográfico, transumante – legou-nos e permitiu que pudéssemos ter uma memória coletiva, mais abrangente e vinda das margens, tanto quanto paradoxal era a sua vontade de, numa ideia de cineasta todo-mundo, poder fazer um cinema vindo de dentro. Mas de quê, para e sobre quem, afinal falava António Campos?

No ano do seu centenário, e no Dia Nacional do Mar, homenageamos um realizador que inventou as suas normas e definiu as suas regras; autor de uma obra que desafia, ainda hoje, as fronteiras da etnoficção, do documentário do real e de um cinema tão verdadeiro quanto falsa é já, porque construção, a narrativa mesmo que descritiva, que um filme sugere.

Se a obra de António Campos não se extingue na sua relação com o mar, e se a água é um elemento presente em muitos dos seus filmes, o mundo de que António Campos quis falar – quis guardar? – é um mundo que estava, já então a desaparecer, e, entretanto, se transformou num outro, naquele onde somos herdeiros, pela imagem, de uma memória que, agora só cinematográfica e bidimensional. E por isso, completamente dependente de uma memória de espetadores em grande parte herdada.

Reinscrevamos, pois, o seu cinema na hiperatividade das imagens, da abundância de sentidos e na profusão de referências, contrariando a velocidade da perceção. As cópias que apresentamos neste quase *double bill* foram (quase todas) restauradas e digitalizadas no âmbito do projeto FILMar, que a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema operacionaliza com o apoio do programa EEAGrants.

Depois de uma primeira apresentação no Curtas de Vila do Conde, onde à surpresa da descoberta se juntou o reconhecimento de que estas imagens, e estas histórias eram tão-somente espelhos que há muito havíamos habitado, trazemos a Lisboa os filmes de um realizador sem chão, sem fronteiras, com horizonte. E, de caminho, lançamos o segundo episódio do *podcast* FILMar, produzido em colaboração com a Escola das Artes – Universidade Católica e disponível em todas as plataformas, inteiramente dedicado a um realizador para quem a imagem produz sons, vindos dos segredos da memória, ampliados pela urgência de um resgate ao esquecimento.

► Quarta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
UM TESOIRO
de António Campos
Portugal, 1958 – 14 min
A ALMADRABA ATUNEIRA
de António Campos
Portugal, 1961 – 26 min
A FESTA
de António Campos
Portugal, 1975 – 24 min
duração total da projeção: 64 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

As curtas-metragens reunidas nesta primeira sessão são aquelas onde o mar tem uma presença fundamental na definição do olhar de António Campos sobre as comunidades. A ficção que UM TESOIRO propõe é contrariada pela possibilidade de os atores serem também personagens de si mesmos, tanto quanto em A FESTA os rituais parateatrais transformam a comunidade de pescadores em espetadores de si próprios. Já em ALMADRABA ATUNEIRA, é de fim, de perda e de uma comunidade nas vésperas de uma mudança. Mas todo o filme, como aliás os dois que compõem esta sessão, anunciam o fim como um mal, mas atendem à possibilidade natural de regeneração. Adaptado do conto homónimo de Loureiro Botas, UM TESOIRO relata a vida de fome e de miséria que no inverno todos sofriam com a paragem das campanhas de arrasto. Os mais

novos partiam para as florestas da Galiza, outros para as beiras interiores de Portugal, todos como madeiros. Nem todos regressavam, mesmo os que iam para as margens do Tejo. Homenagem ao trabalho e esforço dos pescadores de atum algarvios, filmando a que viria a ser a última almadraça ou “campanha” por eles feita, já que, pouco depois do filme ALMADRABA ATUNEIRA estar terminado, o mar destruiu este arraial algarvio. As imagens de A FESTA, mostrando uma comunidade que celebra S. Pedro em benefício da capela local, em 9 e 10 de agosto de 1975, foram inicialmente captadas para integrar GENTE DA PRAIA DA VIEIRA. Mas o que António Campos regista é a continuidade do mar nas práticas sociais, religiosas e familiares de uma comunidade na qual o tempo parece ser uma ficção imposta pelo olhar do realizador.

► Quarta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
FAINA DO RIO E DO MAR
de António Lopes Ribeiro
Portugal, 1959 – 10 min
GENTE DA PRAIA DA VIEIRA
de António Campos
Portugal, 1975 – 73 min
duração total da projeção: 83 min | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

De todo o cinema produzido após a revolução de 1974, o de António Campos é aquele onde a passagem do tempo parece ter produzido menos efeitos, não só no modo de olhar para as realidades, mas também no modo de estas se expressarem. Em GENTE DA PRAIA DA VIEIRA, os elementos de ficção vêm sublinhar verdades inequívocas, onde a pequena história importa muito mais do que as mudanças sociais pelas quais o país se refazia. Com elementos ficcionados, este filme ilustra a vida dos pescadores da praia da Vieira (Vieira de Leiria), mostrando aspetos da sua migração para o Tejo, para águas mais tranquilas, em meados do século, e da ocupação de zonas ribeirinhas nas lezírias do Ribatejo, onde construíram pequenas aldeias palafíticas, à borda-d’água. A abrir a sessão, FAINA DO RIO E DO MAR, realizado quinze anos antes por António Lopes Ribeiro, oficioso realizador do regime que captava já as práticas de comunidades piscatórias, entre elas as da Praia da Vieira onde António Campos viria a construir um dos mais livres filmes de docuficção do cinema português. GENTE DA PRAIA DA VIEIRA é apresentado em cópia digitalizada pelo programa FILMar.

O QUE QUERO VER

De entre as propostas dos espectadores da Cinemateca para esta rubrica, a nossa escolha recaiu novamente numa obra de Billy Wilder, IRMA LA DOUCE.

► Quinta-feira [03] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
IRMA LA DOUCE
de Billy Wilder
com Shirley MacLaine, Jack Lemmon, Lou Jacobi
Estados Unidos, 1963 – 142 min / legendado em português | M/12

Proibido em Portugal até ao 25 de Abril, IRMA LA DOUCE foi também um “caso” no seu país de origem. Apesar de já se estar em 1963 e de a censura andar a ser “batida” aos pontos por realizadores rebeldes, a forma como se representaram as prostitutas a trabalhar, sem eufemismos para a profissão, foi considerada demasiada audaciosa. Mas todo o filme joga tanto com o que é mostrado como com o que é elidido no extraordinário bairro parisiense dos Halles reproduzido em estúdio por Alexander Trauner. IRMA LA DOUCE, uma das mais divertidas, irreverentes e provocantes comédias de Wilder, foi outro “prego” no caixão do código de censura, com Shirley MacLaine como prostituta, num dos papéis da sua vida, e Jack Lemmon inesquecível na figura do polícia-chulo que tem ciúmes de si mesmo. Os turnos e a exaustão noturnos da personagem masculina, que se desdobra num enigma clandestino, não são menos cintilantes.



COM A LINHA DE SOMBRA

Em novembro, a rubrica feita em colaboração com a Linha de Sombra, faz-se com duas sessões de cinema que têm como pretexto dois lançamentos de DVD que terão lugar no espaço desta livraria nos 39 Degraus imediatamente antes da projeção dos respetivos filmes na sala de cinema. A primeira assinala a saída em DVD do filme SONHÁMOS UM PAÍS, de Camilo de Sousa e Isabel Noronha, editado pela Midas Filmes. A segunda é feita a propósito do lançamento de A VOSSA TERRA, de João Mário Grilo, editado pela Academia Portuguesa de Cinema.

► Quinta-feira [03] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SONHÁMOS UM PAÍS

de Camilo de Sousa, Isabel Noronha

Portugal, Moçambique, 2019 – 70 min | M/12

COM A PRESENÇA DOS REALIZADORES

No início dos anos 1970, Camilo de Sousa saiu de Lourenço Marques, Moçambique, andou pela Europa, juntou-se aos guerrilheiros da Frelimo e tornou-se cineasta. Hoje, a viver em Portugal, regressa a Moçambique para reencontrar dois camaradas de armas. Com Aleixo Caimdi e Julião Papalo ele rememora tempos antigos, quando a alegria da libertação deu lugar aos tempos negros em que a procura do ‘homem novo’ veio destruir os sonhos e as ilusões de um país. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Terça-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A VOSSA TERRA

de João Mário Grilo

Portugal, 2016 – 59 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JOÃO MÁRIO GRILLO

O arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles, responsável, entre outros projetos, pelos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian, dedicou uma vida à construção da paisagem. “A que se assemelharia um filme sobre a sua obra?”, pergunta o realizador ao paisagista. “Apenas paisagens, uma depois da outra.” Com este programa visual, dramático e narrativo em mente, João Mário Grilo, o cineasta, propôs-se pensar e documentar a obra do arquiteto, não sem evocar, pelos seus textos e paisagens, a força expressiva e poética da natureza e o poder transformador do homem sobre ela. Primeira apresentação na Cinemateca

PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA

EM COLABORAÇÃO COM A ACADEMIA PORTUGUESA DE CINEMA

O Prémio Bárbara Virgínia, criado pela Academia Portuguesa de Cinema para “distinguir uma mulher portuguesa que se destaque na sétima arte”, anteriormente atribuído a Leonor Silveira, Laura Soveral, Teresa Ferreira, Júlia Buisel, Solveig Nordlund e Maria Gonzaga, é atribuído na edição de 2022 à realizadora Regina Pessoa. A distinção é entregue a Regina Pessoa numa sessão em que serão exibidas as quatro curtas de animação com as quais se tornou num nome de referência no panorama da animação de autor internacional.

► Sexta-feira [04] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A NOITE

de Regina Pessoa

Portugal, 1999 – 7 min

HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ

de Regina Pessoa

Portugal, Canadá, França, 2005 – 8 min

KALI, O PEQUENO VAMPIRO

de Regina Pessoa

Portugal, Canadá, França, Suíça, 2012 – 10 min

TIO TOMÁS, A CONTABILIDADE DOS DIAS

de Regina Pessoa

Portugal, Canadá, França, 2019 – 13 min

duração total da projeção: 38 min | M/12

COM A PRESENÇA DE REGINA PESSOA

Nascida em Coimbra, em 1969, Regina Pessoa licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, em 1998. Ainda durante a frequência da licenciatura começou a trabalhar na Filmógrafo, colaborando sobretudo como animadora em vários projetos de Abi Feijó como OS SALTEADORES, FADO LUSITANO ou CLANDESTINO. Em 1999 dirige o seu primeiro filme, depois de pequenas experiências. A NOITE, animado segundo a morosa técnica de gravura sobre placas de gesso, teve uma relevante carreira no circuito de festivais nacionais e internacionais, o que seria potenciado com o seu trabalho seguinte, HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ. Este, com cerca de cinco dezenas de prémios, entre os quais o Grande Prémio de Annecy, tornar-se-ia o filme português mais premiado de sempre. O enorme prestígio internacional deu-lhe acesso a parcerias com outras cinematografias de forte implantação na área da animação, concretizadas com KALI, O PEQUENO VAMPIRO, igualmente distinguido com dezenas de prémios pelo mundo fora, que fechava a chamada “trilogia da infância”. Êxito que viria a repetir-se com o seu filme mais recente, TIO TOMÁS, A CONTABILIDADE DOS DIAS: “A partir das memórias afetivas e visuais da minha infância, este filme pretende ser uma homenagem ao meu tio Tomás, um homem humilde e um pouco excêntrico que teve uma vida simples e anónima. Com este filme eu gostaria de testemunhar como não é preciso ser-se alguém para se ser excecional na nossa vida” (Regina Pessoa). TIO TOMÁS é uma primeira apresentação na Cinemateca.

CINEMA, CEM ANOS DE JUVENTUDE: OS MOTIVOS NO CINEMA

EM COLABORAÇÃO COM OS FILHOS DE LUMIÈRE – ASSOCIAÇÃO CULTURAL

O programa pedagógico Cinema, Cem Anos de Juventude, que integra o programa pedagógico O Mundo à Nossa Volta da associação Os Filhos de Lumière, é um projeto experimental de iniciação ao cinema. Coordenado pela Cinemateca Francesa, este projeto reúne, a uma escala internacional, profissionais de cinema, professores, escolas, salas de cinema, associações, cinematecas, festivais de cinema. Criado em França em 1995, na celebração dos cem anos de cinema, coordenado a nível pedagógico por Nathalie Bourgeois (que criou e foi responsável do Serviço Educativo da Cinemateca Francesa durante mais de 20 anos) e Alain Bergala (cineasta, crítico de cinema, autor de obras sobre cineastas como Jean-Luc Godard e Abbas Kiarostami e sobre a pedagogia da transmissão de cinema, professor de La Fémis, da Université III), tem vindo a ser desenvolvido em vários países, incluindo Portugal, através da associação Os Filhos de Lumière, em parceria com a Cinemateca Portuguesa, desde o ano letivo de 2006–2007.

O projeto, que reúne atualmente 16 países, trabalha uma metodologia que alia a análise de filmes à prática do fazer, privilegiando a formação do olhar e a descoberta da criação cinematográfica. Durante todo um ano letivo, cineastas, professores e alunos em todos os países participantes exploram uma questão de cinema, a partir das mesmas regras do jogo. No último período de cada ano os alunos realizam um filme-ensaio coletivo que dá conta do que descobriram ao longo do ano sobre o cinema,

a partir dos filmes, e uma vasta escolha de excertos, que viram e analisaram, dos exercícios realizados a partir das regras do jogo que lhes foram propostas. No ano letivo de 2021–2022, professores e alunos de sete escolas de vários pontos do país trabalharam sobre a questão “Os Motivos no Cinema”.

► Quarta-feira [23] 14h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FILMES-ENSAIO: OS MOTIVOS NO CINEMA

sessão apresentada e seguida de debate

Entrada livre, mediante levantamento de bilhete trinta minutos antes do início da sessão.

“No seguimento do tema do ano passado – o tempo – ligado a um período onde a realidade se tornava mais longínqua e abstrata – pareceu-nos interessante regressar às coisas elas próprias. A matéria principal do cinema. Em qualquer plano que seja, podemos enumerar todas as coisas que o compõem. Mas as coisas presentes num filme são incontáveis e muitas são residuais e não acedem ao estatuto de motivo. Para que uma coisa se torne motivo, é preciso que o cineasta tenha consciência da forma como o vai tratar (no argumento, na *mise-en scène*, no enquadramento, na luz, distância, etc.) para que ele se transforme em matéria de cinema, uma peça importante do seu filme. Como um pintor que escolhe um ramo de flores, uma montanha ou um rosto especial para fazer disso conscientemente, com a técnica de que dispõe, um elemento da sua tela e da sua representação pictural do mundo” (Alain Bergala). A sessão conta com a presença dos alunos de todas as escolas portuguesas participantes no projeto Cinema, Cem Anos de Juventude, que irão falar sobre o processo de construção dos seus filmes. Serão apresentadas as curtas-metragens portuguesas do programa e também curtas realizadas em outros países.

A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO RESISTÊNCIA VISUAL GENERALIZADA

A Cinemateca associa-se à exposição *Resistência Visual Generalizada – Livros de Fotografia e Movimentos de Libertação: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau e Cabo-Verde, Anos 1960–80* com curadoria de Catarina Boieiro e Raquel Schefer – a qual pode ser visitada até ao dia 27 de novembro no Torreão Nascente da Cordoaria Nacional –, com a exibição de uma obra só muito raramente vista em Portugal (e nunca na versão longa agora apresentada) sobre a independência de Moçambique: 25 de Celso Luccas e José Celso.

► Sexta-feira [25] 18h30 | Sala M. Félix Ribeiro

25

de Celso Luccas, José Celso

Moçambique, 1977 – 140 min | M/16

SESSÃO APRESENTADA POR RAQUEL SCHEFFER E CATARINA BOIEIRO

Realizado pelos realizadores brasileiros Celso Luccas e José Celso, 25 fez parte de uma iniciativa do Instituto Nacional de Cinema de Moçambique para consolidar uma imagem nacional do país após a sua independência. Este documentário parte das comemorações da libertação na noite de 25 de Junho de 1975 para construir um pensamento sobre os conflituosos processos de libertação, através de uma exploração que percorre toda a história da resistência do povo moçambicano ao longo das diversas fases de colonização, massacres e guerras contra o exército português. Primeira apresentação na Cinemateca.

ATENÇÃO
À SALA

ATENÇÃO
AO
HORÁRIO

02 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

ERENDIRA
Ruy Guerra

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LE FEU FOLLET
Louis Malle

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

UM FILME FALADO
Manoel de Oliveira

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

ZORBA THE GREEK
Michael Cacoyannis

03 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | O QUE QUERO VER

IRMA LA DOUCE
Billy Wilder

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

SONHÁAMOS UM PAÍS
Camilo de Sousa, Isabel Noronha

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LES AMANTS
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

ZAZIE DANS LE MÉTRO
Louis Malle

04 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LE FEU FOLLET
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | PRÉMIO BÁRBARA VIRGÍNIA

A NOITE
HISTÓRIA TRÁGICA COM FINAL FELIZ
KALI, O PEQUENO VAMPIRO
TIO TOMÁS, A CONTABILIDADE DOS DIAS
Regina Pessoa

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

ZORBA THE GREEK
Michael Cacoyannis

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

VIE PRIVÉE
Louis Malle

05 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

GIRL SHY
Fred Newmeyer, Sam Taylor

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

JAIME
António Reis
JAIME
António-Pedro Vasconcelos

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

PARTY
Manoel de Oliveira

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

VIVA MARIA!
Louis Malle

07 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

LE FARÒ DA PADRE
Alberto Lattuada

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IRENE PAPAS,
ALMA MEDITERRÂNICA

INQUIETUDE
Manoel de Oliveira

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

VIVE LE TOUR!
BONS BAISERS DE BANGKOK
WILLIAM WILSON
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LE VOLEUR
Louis Malle

08 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LES AMANTS
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LE SOUFFLE AU COEUR
Louis Malle

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

L’INDE FANTÔME: EPISÓDIOS 1 E 2
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

LACOMBE LUCIEN
Louis Malle

09 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

ZAZIE DANS LE MÉTRO
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | INADJECTIVÁVEL

ERASERHEAD
David Lynch

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

L’INDE FANTÔME: EPISÓDIOS 3 E 4
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

BLACK MOON
Louis Malle

10 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

VIE PRIVÉE
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO
PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE UMA
PAISAGEM, DE JOÃO NISA

NOCTURNO
João Nisa
TIME AS ACTIVITY (DUSSELDORF)
David Lamelas
FOG LINE
Larry Gottheim
PALAST
Tacita Dean

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

L’INDE FANTÔME: EPISÓDIOS 5 E 6
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM

CAL
Pat O’Connor

11 SEXTA-FEIRA

10H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM



MASTERCLASS

14H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM



THE MISSION
Roland Joffé

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | HOMENAGEM A DAVID PUTTNAM

THE KILLING FIELDS
Roland Joffé

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

L’INDE FANTÔME: EPISÓDIO 7
CALCUTTA
Louis Malle

22H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO



PRETTY BABY
Louis Malle

12 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

WHO FRAMED ROGER RABBIT?
Robert Zemeckis

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

THE RIVER
Frank Borzage

HE LIU
O Rio
Tsai Ming-Liang

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

HUMAIN, TROP HUMAIN
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

ATLANTIC CITY
Louis Malle

14 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

VIVA MARIA!
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

JOSÉ E PILAR
Miguel Gonçalves Mendes

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE
– O REBELDE SOLITÁRIO

PLACE DE LA RÉPUBLIQUE
Louis Malle

21H45 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM
OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO



CIVILISÉES
Randa Chahal Sabag

15 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

LA Balsa DE PIEDRA
George Sluizer

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM
OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO

BARAKAT
“Benção”
Manon Nammour, Mariana Abou Elias

YAWMIYAT SCHEHERAZADE
“O Diário de Scheherazade”
Zeina Daccache

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

SARAMAGO: DOCUMENTOS
João Mário Grilo

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM
OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO

LEILA WA AL ZIAP
“Leila e os Lobos”
Heiny Srour

VENDA DE BILHETES

Bilheteira Local (ed. Sede — Rua Barata Salgueiro, nº 39)

de segunda-feira a sábado, das 13h30 às 21H30

(Salão Foz — Praça dos Restauradores)

de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 17h00

Bilheteira On-line www.cinemateca.bol.pt

Modos de pagamento disponíveis:

Multibanco (*) — MB Way — Cartão de Crédito — Paypal (**)

(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 € (**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

Mais informações: https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais

Pontos de venda aderentes

(consultar lista em https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda)

16 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

A FLOR MÁS GRANDE DEL MUNDO
Juan Pablo Etcheverry
EMBARGO
António Ferreira

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMar

UM TESOIRO
A ALMADRABA ATUNEIRA
A FESTA
António Campos

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM OS OLHARES DO MEDITERRÂNEO

THEN CAME DARK
Marie-Rosa Osta
SAAT EL TAHRIR DAKKAT, BARRA YA ISTI MAR
“Chegou a Hora da Liberação”
Heiny Srour

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | FILMar

FAINA DO RIO E DO MAR
António Lopes Ribeiro
GENTE DA PRAIA DA VIEIRA
António Campos

17 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

BLINDNESS
Fernando Meirelles

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

ALAMO BAY
Louis Malle

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

ENSAIO SOBRE O TEATRO
Rui Simões

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

MY DINNER WITH ANDRÉ
Louis Malle

18 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

ENEMY
Denis Villeneuve

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

MY DINNER WITH ANDRÉ
Louis Malle

18H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

ATENÇÃO AO HORÁRIO

MESA-REDONDA

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

CRACKERS
Louis Malle

19 SÁBADO

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

THE SIMPSONS MOVIE
David Silverman

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

A KING IN NEW YORK
Charles Chaplin
THE KING OF NEW YORK
Abel Ferrara

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | JOSÉ SARAMAGO NO CINEMA

O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS
João Botelho

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

ALAMO BAY
Louis Malle

21 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

LE VOLEUR
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

LE MONDE DU SILENCE
Jacques-Yves Costeau, Louis Malle

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

PLACE DE LA RÉPUBLIQUE
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

AU REVOIR LES ENFANTS
Louis Malle

22 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

LE SOUFFLE AU COEUR
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A CINEMATECA COM O CINENOVA

RUA DOS ANJOS
Renata Ferraz, Maria Roxo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

GOD’S COUNTRY
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA

ILEKTRA
“Electra”
Michael Cacoyannis

23 QUARTA-FEIRA

14H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | CINEMA, 100 ANOS DE JUVENTUDE

ATENÇÃO AO HORÁRIO

CURTAS-METRAGENS
vários realizadores

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

LA SALAMANDRE

Alain Tanner

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INSHADOW

WHY WE FIGHT?

Alain Platel, Mirjam Devriendt

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

LACOMBE LUCIEN

Louis Malle

24 QUINTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

BLACK MOON
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ANTE-ESTREIA

EDITOR CONTRA
Luís Alvarães

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

...AND THE PURSUIT OF HAPPINESS
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

MILOU EN MAI
Louis Malle

25 SEXTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

PRETTY BABY
Louis Malle

18H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | A PROPÓSITO DA EXPOSIÇÃO RESISTÊNCIA VISUAL GENERALIZADA

ATENÇÃO A SALA

25
Celso Luccas, José Celso

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INSHADOW

AUTOPSY: JOURNEY OF A CREATION
Henrique Pina

IRMÃOS

Miguel C. Tavares

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

DAMAGE
Louis Malle

26 SÁBADO

11H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – OFICINA

O CALEIDOSCÓPIO:
ESPREITAR POR UM LABIRINTO DE ESPELHOS

15H00 | SALÃO FOZ | CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

JOHN FROM
João Nicolau

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | DOUBLE BILL

UNE SIMPLE HISTOIRE
Marcel Hanoun

THE STRAIGHT STORY
David Lynch

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | A CINEMATECA COM O INSHADOW

HE VENIDO A LEER LA NOCHE
Manuel Fernández-Valdés

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

VANYA ON 42ND STREET
Louis Malle

28 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

ATLANTIC CITY
Louis Malle

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

LE RETOUR D’AFRIQUE
Alain Tanner

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

GOD’S COUNTRY
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

JONAS QUI AURA 25 ANS EN L’AN 2000
Alain Tanner

29 TERÇA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

CHARLES MORT OU VIF
Alain Tanner

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | COM A LINHA DE SOMBRA

A VOSSA TERRA
João Mário Grilo

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

...AND THE PURSUIT OF HAPPINESS
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

LE MILIEU DU MONDE
Alain Tanner

30 QUARTA-FEIRA

15H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA

ILEKTRA
“Electra”
Michael Cacoyannis

19H00 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

LES ANNÉES LUMIÈRE
Alain Tanner

19H30 | SALA LUÍS DE PINA | LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO

VANYA ON 42ND STREET
Louis Malle

21H30 | SALA M. FÉLIX RIBEIRO | ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA

CHARLES MORT OU VIF
Alain Tanner

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES Preço dos bilhetes: 3,20 Euros Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos – 2,15 euros Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema – 1,35 euros Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262 Horário da bilheteira: Seg./Sábado, 13h30 às 21h30: tel. 213 596 262 Venda online em cinemateca.bol.pt Informação diária sobre a programação: tel. 213 596 266 Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa www.cinemateca.pt	BIBLIOTECA Segunda-feira/Sexta-feira, 14:00 – 19:30 ESPAÇO 39 DEGRAUS Livraria LINHA DE SOMBRA Segunda-feira/Sábado, 13:00 – 22:00 (213 540 021) Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12:30 – 01:00 Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745 Disponível estacionamento para bicicletas Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa	CINEMATECA JÚNIOR SALÃO FOZ, RESTAURADORES Horário da bilheteira: Segunda-feira/Sábado, 11h00 – 17h00 Venda online em cinemateca.bol.pt Adultos – 3,20 euros; Júnior (até 16 anos) – 1,10 euros Tel. 213 462 157 / 213 476 129 – cinemateca.junior@cinemateca.pt Transportes: Metro: Restauradores Bus: 736, 709, 711, 732, 745, 759 Salão Foz, Praça dos Restauradores 1250-187 Lisboa
---	---	--